



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MILLENA ARAÚJO CARVALHO SOUSA

**DO CLÁSSICO AO HIPPIE: moda, comportamento, estética e vestuário na cidade de
Picos na década de 1970**

PICOS-PI

2013

MILLENA ARAÚJO CARVALHO SOUSA

**DO CLÁSSICO AO HIPPIE: moda, comportamento, estética e vestuário na cidade de
Picos na década de 1970**

Monografia apresentada por ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito parcial para a obtenção do diploma de Graduado em História.

Orientador(a): prof^ª. Ms. Marylu Alves de Oliveira.

PICOS-PI

2013

Eu, **Millena Araújo Carvalho Sousa**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 23 de abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S725c Sousa, Millena Araújo Carvalho.
Do Clássico ao hippie: moda, comportamento, estética e
vestuário em Picos na década de 1970 – 2013.
CD-ROM : il. ; 4 ¾ pol. (95p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Profa. Marylu Alves de Oliveira

1. Moda. 2. Comportamento. 3. Picos. I. Título.

CDD 981.812 22

MILLENA ARAÚJO CARVALHO SOUSA

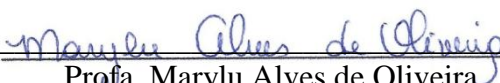
**DO CLÁSSICO AO HIPPIE: moda, comportamento, estética e vestuário na cidade de
picos na década de 1970**

Monografia apresentada por ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito parcial para a obtenção do diploma de Graduado em História.

Orientador(a): prof^ª. Ms. Marylu Alves de Oliveira.

Aprovada em 16 / 04 / 2013

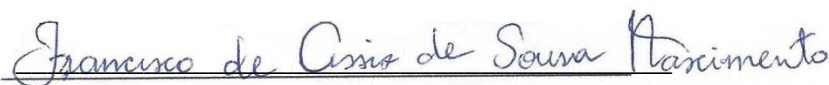
BANCA EXAMINADORA



Profa. Marylu Alves de Oliveira

Mestre em História

Presidente da Banca Examinadora



Prof. Francisco de Assis Sousa Nascimento

Doutor em História Social

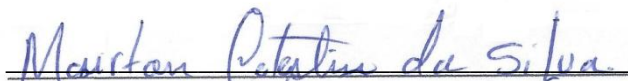
Examinador interno



Profa. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Mestranda em História do Brasil

Examinadora externa



Prof. Mairton Celestino da Silva

Mestre em História Social

Suplente

AGRADECIMENTOS

São inúmeras as pessoas que tenho a agradecer. Primeiramente a minha orientadora Marylu Alves de Oliveira, que sem sua ajuda, paciência, dedicação, e seu precioso toque não teríamos concluído esse estudo. Ao meu esposo Ályson Leal que sempre esteve ao meu lado, percorreu comigo diversas vezes atrás de pessoas, fontes. Ao meu filho Jorge Felipe que nunca reclamou ao me ausentar e sempre quando chegava exausta, encontrava-o com um gostoso sorriso. A minha mãe Ana Lúcia, e minha irmã Michellane, pilar de sustentação da minha vida, pela ajuda incondicional nas suas palavras, ao meu Pai Paulo Carvalho, minha irmã Monique e meu cunhado Luís Junior por terem andado vários lugares em Teresina atrás de fontes para meu trabalho. Ao meu irmão Michell pelo incentivo e apoio. A minha sogra, Tatinha Claudia por cuidarem tao bem do meu filho quando não poderia estar com ele.

A todos os meus entrevistados pela disponibilidade e gentileza em ceder suas fotos, em especial a Oneide Rocha que abriu um leque de possibilidades para a pesquisa. A todos os professores do curso que nos ofertaram a possibilidade de seus conhecimentos intelectuais.

Aos amigos da universidade, de modo particular as minhas queridas amigas Ítala, Jaqueline e Raila por tantos momentos vividos, sempre compartilhando pessoalmente ou por telefone as nossas angustias. A Francisco Silva, Eduardo, Jójce, Marília por não medirem esforços quando precisei. A Gracivalda, querida amiga, que mesmo de longe, contribui e muito para a minha pesquisa. Ao seu tio Albano que me cedeu arquivos do Museu. E por fim, a Deus que me possibilitou ter e encontrar essas pessoas fundamentais na minha vida.

O Belo é sempre bizarro. Não digo que seja voluntariamente, friamente bizarro, pois em tal caso, seria um monstro fora dos trilhos da vida. Digo que contém sempre aquele pouco de estranheza que o faz ser particularmente Belo.

(CHARLES BAUDELAIRE)

RESUMO

Este trabalho tem como proposta de estudo compreender o momento histórico de Picos na década de 1970, analisando as formas de ser e estar no social, enfocando, sobretudo, a moda relacionada à estética, vestuário e comportamentos. Para realização desta pesquisa, o método/técnica da História Oral foi fundamental, onde dada a carência de documentos escritos como as revistas, os indivíduos envolvidos nesse processo bem como as fotografias cedidas foram essenciais para a construção do estudo. Foram feitas leituras sobre moda e de referências teóricas no âmbito da discussão histórica, conceitos como: estética, beleza, contracultura e imagem. Assim, foi observado que na cidade picoense bem como acontecia em boa parte do mundo, dois estilos imperavam, o que se chamou de clássico, o que já existia, e o que se modificou, o hippie, dado os movimentos de rebelião juvenis observados e refletidos na questão da estética.

PALAVRAS-CHAVE: Moda. Comportamento. Picos. Década de 1970.

ABSTRACT

This study proposes to examine understand the historical moment the decade 1970, analyzing the ways of being in the social, focusing mainly fashion related to aesthetics, clothing and behavior. For this research, the method / technique of oral history was fundamental, where due to the lack of written documents like magazines, individuals involved in this process as well as the photographs were transferred essential for the construction of the study. Measurements were based on fashion and theoretical references in the historical discussion, concepts such as: aesthetics, beauty, and counterculture image. Thus, it was observed that in the city as well as Pico happened in much of the world, two styles prevailed, which is called classic, which already existed, and what has changed, the hippie, given the movements of juvenile rebellion observed and reflected the question of aesthetics.

KEYWORDS: Fashion. Behavior. Picos. Decade 1970.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01: Estudantes da Escola Normal de Picos.....	28
Fotografia 02: Cecy Campos.	30
Fotografia 03: A atriz Tônia Carreiro e o corte Pigmaleão.....	35
Fotografia 04: Eva Wilma atuando como de Raquel	36
Fotografia 05: Eva Wilma atuando como Ruth.....	36
Fotografia 06: Tarcísio Meira.....	37
Fotografia 07: Eva Wilma	38
Fotografia 08: Sem nome e sem data	49
Fotografia 09: Cecy Campos.....	50
Fotografia 10: Francimar de Barros Moura.....	51
Fotografia 11: Sem nome e data.....	52
Fotografia 12: Maria das Graças Nunes Santos	53
Fotografia 13: Norma Sueli.....	56
Fotografia 14: Francimar Brito, Wilsônia, Fátima Lima e Norma Sueli	57
Fotografia 15: Cristino Varão, Nuní Moura, sem nome, Dona Regina, Luís Melo, Maria do Socorro Araújo do Rego Melo, Evilásio Holanda e Inês Santos.....	59
Fotografia 16: Fátima Lima e Fátima Sá.....	62
Fotografia 17: Gracinha Santos, Graça Formiga, Galgane, outras sem nome	63
Fotografia 18: Zenilda Deusdará, Terezinha Lélis (In memorian), Zenaide Deusdará e Mundica Fontes	64
Fotografia 19: José de Jesus e Mundica Fontes. Hall do Hotel Tunostenio-RN Currais Novos. 1974.....	65
Fotografia 20: Zenilda Deusdará, Mundica Fontes e Lucinha Deusdará	67
Fotografia 21: Iolanda Braga, Cleide Braga, sem nome	68
Fotografia 22: Fátima Sá e seu esposo	69
Fotografia 23: Graça Formiga e seu esposo Geraldo Sinval	70
Fotografia 24: As irmãs Delma Rodrigues e Celma Rodrigues com seus respectivos esposos.....	72
Fotografia 25: As irmãs com seus esposos e alguns convidados	73
Fotografia 26: Beto, Betânia, Antonio Bineta, Maria Ferreira, sem nome e Inez Santos	81
Fotografia 27: Zezé Batista, Graziane, Campos, Francisco Antônio e Jorge.....	87

- Fotografia 28:** Da esquerda para a direita: Odorico Carvalho, Floriano, Antônio Bineta e Araújo 88
- Fotografia 29:** Sentados, da esquerda para a direita: o baixista Floriano, o baterista Beto e Odorico. Atrás, Roberto, que não fazia parte da banda..... 89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 DE PARIS PARA PICOS: as formas de ser e estar na cidade de Picos na década de 1970	15
1.1 Picos na década de 1970: entre o vestir e o agir	15
1.2 Para estar no social... os lugares de lazer e espaços de apresentar- se socialmente em picos	23
<i>1.2.1 Praça, cinemas, tertúlias e clubes</i>	23
1.3 Comportamento também é moda...: as regras sobre um corpo disciplinado, entre a escola, Igreja e as proibição ao uso do corpo e da vestimenta	27
1.4 As formas de acesso aos comportamentos e formas de vestir- se em tempos globalizados: revistas, rádio, cinema, televisão, viagens, vindas de parentes de grandes centros urbanos	31
2 A ELEGÂNCIA E O ESTAR NA MODA EM PICOS NA DÉCADA DE 1970	40
2.1 Moda e sociedade: Um percurso sobre a História da Moda no Brasil	40
2.2 Os Concursos de Elegância	47
<i>2.2.1 Concurso de beleza realizado pela AABB</i>	54
<i>2.2.2 Certame: as dez mais</i>	57
2.3 As imagens da moda- análise das roupas da moda	60
2.4 Quem eram as mulheres elegantes?	73
3 RESISTÊNCIA À MODA, COMPORTAMENTOS E VESTIMENTAS CONTRACULTURAIS EM PICOS NA DÉCADA DE 1970	76
3.1 Quem eram os fora da moda?	76
3.2 Quais os comportamentos contraculturais?	81
3.3 Vozes da contracultura- quem eram esses jovens?	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS E FONTES	92

INTRODUÇÃO

Estudar moda¹ numa sociedade de determinada época não visa apenas refletir o estético, o belo, está longe de ser o mais superficial de todos os fenômenos, Lars Svendsen² afirma que apesar de ser ignorada por muitos estudiosos, inclusive filósofos, deve ser levado a sério como objeto de investigação, pois é algo que reside praticamente no centro do mundo moderno ocidental, não sendo permitido que nosso olhar limite-se ao universo das roupas. Assim, o autor aborda que a moda invade outras áreas do consumo, penetra à arte, a política e a ciência, afeta a atitude da maioria das pessoas em relação a si mesmo e aos outros. Compreender a importância da moda deveria contribuir para uma compreensão de nós mesmo e de nossa maneira de agir em nossa situação histórica.

Assistindo televisão, folheando revistas, olhando as vitrines das lojas onde estão os manequins, ouvindo rádio e até em nossas conversas do dia-a-dia, a moda e seu universo, ou seja, suas diversas áreas de interesse como o vestuário, corpo, consumo, identidade, arte etc., aparecem como assuntos rotineiros, que nos acompanham. Foi assim que surgiu o meu interesse pelo estudo em torno da moda, para tanto, o objetivo deste estudo visa compreender o momento histórico da Cidade de Picos na década de 1970, no sentido de analisar a maneira como as pessoas viviam (formas de ser e estar no social) tendo como foco central a moda, especialmente no que tange a estética, os comportamentos e o vestuário.

Assim, a escolha do período em estudo ter sido a década de 1970 se deu pelo fato desta década representar um momento singular de transformações nos costumes que foi marcado por golpes e revoluções (sexuais, comportamentais, etc.) como se fosse um painel de acontecimentos diversificados onde acentuou a complexa relação entre permanência e rebeldia dos valores existentes. Como o título sugere, o trabalho vai ter dois focos: o que já existe, ao qual chamamos de clássico e o que se modifica, que exemplificamos no título como cultura hippie. Segundo Edwar Castelo Branco³ o Brasil estava passando por um momento delicado no modo de vida estagnado que a sociedade da época queria impor, muitas vezes, a moda teve no Brasil o caráter de protesto contra a Ditadura Militar, que estava em vigor desde

¹ Provém do latim *modus*, que significa *costume*. É um fenômeno que busca compreender a nos mesmo em nossa situação histórica. SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

² *Idem*.

³ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os Dias de Paupéria: Torquato Neto e a Invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

1964, a juventude começava a se impor nos contextos socioculturais gerando inúmeros comportamentos, uma nova atitude que acabavam refletindo na moda.

Os anos 1960 e 1970 marcam de forma definitiva o século XX e é em meio ao turbilhão de acontecimentos (foram os anos da Revolução Cultural na China, dos estudantes reivindicando nas ruas, da corrida espacial, da descoberta da colonização da África e Ásia, mulher reivindicando direitos iguais aos homens, solidificação do movimento negro, houve a revolução sexual, dos hippies, os fundamentalistas, os revolucionários e as ditaduras militares na América latina) que movidos pela curiosidade buscaremos analisar os reflexos dessas mudanças comportamentais na pequena cidade interiorana Picos, enfocando, sobretudo, como as pessoas se expressavam ao vestir-se, qual padrão de beleza evidenciava, qual a relação entre o vestuário e os lugares de lazer que eram frequentados por essas pessoas, e de que forma eram organizados os concursos de beleza, apreciando, sobretudo, quais os critérios que definiam a ideia de beleza.

A escolha pela cidade de Picos como recorte do trabalho se deu porque sou filha desta cidade, uma picoense, e mergulhada na sua literatura, uma vez que tudo o que diz respeito à esta cidade me interessa, tomei conhecimento, através de trabalhos como o de Nilvon Batista e Pedro Cesário, que em Picos existiu uma certa efervescência cultural e pela leitura destes estudos, percebi que a questão da estética foi muito presente no cotidiano de um determinado movimento juvenil. Então decidi fazer buscas e a partir destas, encontrei uma grande gama de fontes orais e fotografias, o que permitiu uma viabilidade ao trabalho. Esta temática é inovadora no que se refere ao recorte escolhido, pode ser considerada também de grande relevância, ao tentar compreender comportamentos de uma sociedade sobre outro enfoque, a moda. É apenas um início abrindo, nesse sentido, portas para possíveis interessados no estudo.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e a leitura de livros que discutem sobre história da moda, bem como um referencial teórico que trabalham com os conceitos de estética, beleza e contracultura. Dentre as noções que nos ajudaram a analisar o período, podemos citar a autora Gilda Chantaigner que percorre a história da moda no Brasil, desde suas raízes até o século XXI. A autora aponta que além da diversidade étnica de diversas origens vivida pelos povos existentes no Brasil, havia uma identidade estética “recheada de formas e cores, bordados e pinturas. Esta é a característica que percorre a nossa história”⁴. Por contracultura, Pereira assinala que a ideia, o conceito, foi surgindo inicialmente na imprensa,

⁴ CHANTAIGNER, Gilda. História da moda no Brasil. São Paulo: estação das Letras e Cores, 2010. P. 12.

mas que ganhou força e espaço cada vez mais amplo porque sua proposta expressava uma carga de informação não apenas pelo poder de mobilização que o movimento conseguiu, mas principalmente pela natureza das ideias que colocou em circulação, pelo modo como as veiculou e pelo espaço de intervenção crítica que abriu. O termo contracultura aponta para uma realidade questionadora, radical e diferente daquela forma tradicional proposta pelo *status quo*, algo que sugere um estar fora ou contra a cultura. Os principais focos de contestação jovem não eram apenas dentro da família: “O mesmo acontecia na escola, nos campi universitários, na música, nas movimentações de rua, em grandes movimentos sociais, enfim, em todos os lugares e/ ou instituições onde sua presença se fazia notar.”⁵

Para a construção deste trabalho, investigamos metodologicamente a partir de dois caminhos, a análise das imagens e a produção de fontes a partir da história oral, caminhos que foram essenciais para a percepção da relação do indivíduo com a moda, a estética e Picos da década de 1970. A memória e a história oral nesse estudo são utilizadas como suportes, ou seja, fonte para o trabalho visto que estão ligadas não somente a entrevistas, mas também às fotografias. A seguir, apontaremos quais os autores que nos ajudaram neste percurso.

Foram consultados os estudos da Ana Luzia Koehler⁶ que discute que dentre as possibilidades do uso de fontes históricas, a fonte imagética, esta pode ser relacionada à utilização dos meios de pesquisa anunciados pela Nova História, assim, a fotografia inclui-se entre esses novos documentos explorados pela historiografia e por ser entendida como fonte para história e memória social, faz parte do nosso sistema de representação e do imaginário social, constituindo cada vez mais a nossa memória. Ao ler as fontes históricas imagéticas, podem-se compreender as representações sociais de cada época, bem como desvendar o seu processo de reprodução e recepção. O texto do Ulpiano Meneses⁷ foi essencial para analisarmos as fotografias, visto que em seu estudo ele destina a leitura de uma imagem publicitária de um fogão, antes de considerar propriamente a imagem, inicia o exercício, pelo disposição geral do texto e os elementos gráficos, consegue visualizar nas entrelinhas até mesmo o destinatário da propaganda.

⁵ PEREIRA, Carlos A.M. *O que é Contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 17.

⁶ KOEHLER, Ana Luiza. O ensino de História e a Fotografia como representação: através de fontes de arquivos locais. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/164-4.pdf>. Acesso em: 26 agosto 2012.

⁷ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O fogão da société anonyme du gaz. Sugestões para uma leitura histórica de imagem publicitária. Projeto História. História e Imagem. *Revista do Programa de Estudos de Pós-graduandos em História e do Departamento de História*, PUC-SP, São Paulo, n.21, p.105-119, novembro 2000.

Como o trabalho tem como método/técnica a História Oral, o presente estudo apoia-se também na perspectiva de Paul Thompson⁸ que apresenta uma contribuição da história oral a partir de obras nos mais diversos campos de estudo: sociologia, antropologia, economia, folclore, história contemporânea, política e biografia. A utilização de fontes orais pode conseguir algo mais penetrante e fundamental para a História, da uma nova dimensão ao transformar o conteúdo e a finalidade que a historiografia oficial inculcou, devolve aos que vivenciaram e fizeram história um lugar diferenciado, transformando os objetos de estudo em sujeitos, fazendo com que altere o enfoque da própria história e revele novos campos de investigação.

Nesse trabalho, utilizaremos, principalmente, depoimentos orais recolhidos através de entrevistas com indivíduos que viveram em Picos na década de 1970 e se destacaram, seja na sua elegância, ou por ter organizado, ou até mesmo ganhado concurso de miss, ou simplesmente por ter se destacado, nos mais variados comportamentos ditos rebeldes. Feito um levantamento e foram entrevistados: Raimunda Fontes de Moura, Maria Helena Araujo Luz, Odorico Leal de Carvalho, Maria Oneide Fialho Rocha, Delma Rodrigues, Fátima Sá, Graça Formiga, dentre outros.

O trabalho encontra-se estruturado em três capítulos, pautado nos elementos centrais que compõe a pesquisa sobre moda, comportamento, vestuário e estética na Cidade de Picos. No primeiro capítulo analisaremos os sujeitos históricos percorrendo a cidade de Picos, seja nas lojas de tecidos, escolhendo os melhores panos, seja passeando nos espaços de lazer, mostrando não só a roupa, mas também seu comportamento. No segundo capítulo apontamos os concursos de beleza e o ideal estético feminino bem como as roupas da moda. No terceiro capítulo apresentamos a estética irreverente que compunham alguns jovens da cidade, em especial os que estavam envolvidos com o mundo da arte, mas especificamente com o universo da música. Adentremos agora para Picos nos anos 1970.

⁸ THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Tradução Lolio Lourenço de oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

1 DE PARIS PARA PICOS: as formas de ser e estar na cidade de Picos na década de 1970

1.1 Picos na década de 1970: entre o vestir e o agir

O objetivo deste tópico é o de apresentar um pequeno quadro da cidade de Picos. Embora o recorte de investigação do nosso trabalho seja a década de 1970, é necessário que se estabeleça uma conexão com outras leituras relativas às décadas anteriores, no intuito de compreender e aprofundar análises sobre o recorte temporal proposto.

Renato Duarte¹ revela em seu livro de memórias que na década de 1950, Picos era um pequeno núcleo urbano integrado ao meio rural, apresentava uma grande população por conta da região interiorana que era enorme. Neste tempo faziam parte de Picos os municípios de Itainópolis, Monsenhor Hipólito, Francisco Santos, Santo Antônio de Lisboa, Bocaina, São José do Piauí. Nas décadas subsequentes houve uma decaída no número de pessoas que moravam no meio rural por conta do desmembramento de algumas localidades e também pelo êxodo para Picos e outras Cidades, mesmo assim a vida de Picos se apresentava como um aglomerado urbano, quase rural.

De acordo com a Revista Foco n° 1², em 1968, dos 70.929 habitantes, 55.852 equivalente a 79% da população encontravam-se no meio rural e 15.077, o que correspondia 21% da população, morava na sede. No ano de 1970 a população urbana da cidade contava com 18.107 habitantes, o que representava 10% sobre a população da capital do estado, Teresina. Depois da enchente que ocorreu na cidade na década de 1960 na qual houve destruição, o cenário urbano de Picos apresentava mudanças. Na década de 1970 as casas eram apenas de adobe e as pessoas vitimadas passaram a reconstruir suas casas com mais concretos, construíram ruas com calçamentos de pedras, mas ainda existiam algumas ruas de areia. Picos se apresentava emersa neste cenário pacato, típico de uma cidade provinciana, movimentada durante o dia, e silenciada durante a noite.

Picos têm suas raízes econômicas na agricultura, criatório de gado vacum e cavalariagem, e com o desenvolvimento do comércio, a cidade representou uma via de acesso para várias regiões do país, ficando conhecida como entroncamento rodoviário. Desde o início de seu povoamento vinham os cavalarianos de Pernambuco, Ceará e Bahia fazer as negociatas com

¹ DUARTE, Renato. Picos: os verdes anos cinquenta. 2. ed. rev. ampl. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

² Revista FOCO ed. comemorativa (111 anos de história) - Folha de Picos, 2001.

cavalos, gados, jumentos, burros, e a cidade recebia uma parcela significativa da população vizinha por ser propícia a esta atividade.

Por volta dos anos de 1970, o comércio de Picos era bem diversificado, ainda havia uma dependência entre o espaço urbano e o rural, pois as pessoas que moravam nos interiores próximos iam abastecer as suas cidades com produtos da agricultura, como nos indica Alyson Leal de Sousa³, estes indivíduos chegavam em caravanas de comerciantes vindos de diversos interiores na sexta feira e arranchavam-se em casas de amigos para, no dia seguinte bem cedo, participar do principal dia da feira livre de Picos, muitas pessoas se dirigiam para o centro comercial na madrugada do sábado. A maior força de produtos comercializados estava no ambiente urbano e os indivíduos dos interiores aproveitavam para comprar algum gênero ou mesmo objetos que precisassem e levavam para o interior a fim de comercializarem com outros indivíduos que tinham maiores dificuldades em se deslocarem até à cidade. O comércio despontava cada vez mais, várias lojas se destacavam, sobretudo, as de tecidos.

Maria Claudia Bonadio⁴ nos indica que entre o final da década de 1960 e início de 1970 o Brasil acompanhava a crescente urbanização e a conseqüente ampliação da sociedade de consumo, consolidando uma indústria voltada para o vestuário, nesse sentido, começaria então a se firmar, no país, algumas confecções especializadas em elaborar produtos de boa qualidade e que seguiam tendências ditadas internacionalmente, associadas a outro fenômeno surgido também nessa época, as butiques. Contudo, a autora nos afirma que apesar do aprimoramento que a confecção industrial no país sofrera nessas décadas, ainda predominava no brasileiro a prática das roupas feitas por costureiras, somente a partir dos anos 1980 que esta cultura vai mudando, passando a vestir-se preteritamente com roupas compradas prontas.

Esse quadro não seria diferente se comparado à pacata cidade de Picos. Mesmo entre as classes mais abastadas, de acordo com as memórias de nossas entrevistadas, não era comum adquirir peças produzidas em caráter industrial, uma vez que não existiam lojas de roupas dessa espécie, e, para os picoenses vestirem-se nos moldes que ditava a alta-costura francesa, ou o cinema hollywoodiano, teria que viajar para São Paulo, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Ceará, ou então recorriam às costureiras da família, assim como as costuras feitas pelas senhoras mais prendadas da casa.

³ SOUSA, Ályson Leal de. História do Bairro Ipueiras na cidade de Picos (1820- 1970). Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012.

⁴ BONADIO, Maria Claudia. A produção acadêmica sobre moda na pós- graduação stricto sensu no Brasil. Iara-Revista de Moda, Cultura e Arte- São Paulo- V.3 nº3 dez. 2010- Dossiê.

As alfaiatarias mais requisitadas eram localizadas próximas a Praça Félix Pacheco, de acordo com o relato de Oneide Rocha⁵ geralmente os homens costuravam para homens, existindo algumas mulheres que costuravam para homens. Algumas costureiras da cidade davam aulas de corte e costura para as moças, afirmando ainda que uma grande geração aprendeu a costurar com Dona Belinha Nunes e Edith Leopoldo, que eram consideradas costureiras finas.

Assim, o comércio de tecidos em Picos desempenhou papel importante por muito tempo, dentre as lojas mais famosas, estavam presentes as Pernambucanas, essas tinham uma marca registrada, como nos informa em depoimento a Senhora Mundica Fontes⁶ “[...] quem comprava tecidos nas Pernambucanas nem a chita desbotava [...]”, percebe-se como a entrevistada relembra aspectos minuciosos que fazem referência à qualidade que apresentavam os tecidos, outro aspecto importante era que para estar bem apresentado socialmente não dependia apenas do modelo da roupa, mas também da qualidade do tecido empregado nesta. As lojas Pernambucanas funcionaram em vários pontos no centro de Picos até o momento quando foi construída um prédio na Avenida Getúlio Vargas. Contudo, este não era o único ponto comercial de tecido importante na cidade, o Armazém Narciso, de Recife - PE, a Casa dos Retalhos e as Casas Dyer, também de Pernambuco, faziam parte também das lojas que eram mais procuradas por apresentarem grandes variedades. Se os consumidores não gostassem dos produtos encontrados nesses lugares, segundo a memória de Mundica Fontes, não achariam mais nada de bonito na cidade⁷.

Alguns picoenses tinham pequenas casas de tecidos e viajavam até Recife trazendo as novidades em voga, como é o caso do senhor Lourival Dantas que tinha a Casa Dantas, Seu Zito Dantas e Armínio Fialho. De acordo com relatos dos entrevistados, na época tratada, outro comércio alternativo de tecidos que existiam nas cidades eram feitos pelos caixeiros viajantes que vinham para Picos, estes apresentavam mostruários de tecidos finos, tais como as sedas importadas, para as classes mais abastadas. A partir das encomendas feitas, estes comerciantes-viajantes passavam algum tempo fora e retornavam para entregar os pedidos. Como ir para aos centros urbanos não era algo comum devido às estradas ruins na qual se levavam muito tempo caminhando ou sendo carregados por animais, havia pessoas que levavam para seus interiores tecidos para vender, o que proporcionava maior comodidade para parentes, amigos e vizinhos que só se deslocavam em ocasiões especiais.

⁵ ROCHA, Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013

⁶ MOURA, Raimunda Fontes. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012

⁷ MOURA, Raimunda Fontes. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

De acordo com algumas entrevistadas, havia diferenças quanto aos tecidos, os homens compravam tecidos mais grossos como o Caqui, Fustão, Casimira para fazerem suas calças; as mulheres como eram mais vaidosas, dada as variações quanto ao modelo que fosse feito, preferiam as chitas, o tecido de bordado inglês chamado broderi, as sedas, os linhos, as cambraias de linho, dentre outros. Havia algo de comum quanto à compra de tecidos pelas moças e rapazes, a explosão de cores que os tecidos deviam ter que dava um efeito da moda psicodélica dos tropicalistas.

Como Picos era uma referência comercial da região, as localidades próximas dependiam dos seus produtos, existiam também na cidade as sapatarias, fábricas de sapatos, onde por muito tempo a produção se dava apenas pela encomenda. Já existindo na década de 1970 uma produção em série, mesmo assim se alguém quisesse algo mais elaborado tinham que comprar em outras cidades. De acordo com a memória de Oneide Rocha⁸ as sapatarias que funcionavam na cidade na década de 1970 era a de Nossa Senhora do Carmo sendo o proprietário José Avelino Bezerra, e funcionava na Avenida Getúlio Vargas em frente ao antigo Fórum, e a Sapataria de Conrado da Costa Neto em que várias pessoas trabalhavam na confecção de sapatos.

Até o momento, apresentou-se um quadro de Picos relacionado ao comércio, mas, sobretudo, a algo bem particular, ao comércio que girava entorno do vestuário. Ressaltou-se que este aspecto, em decorrência de seu caráter cultural, representava muito para o entendimento de práticas e comportamentos sociais. Falar de moda e comportamento é uma temática interessante para a compreensão de um dado momento histórico. O pressuposto básico do "fazer histórico" é pensar o homem temporalmente e espacialmente, nesse sentido, para entender as questões relativas à moda, estética e comportamento, precisa-se apresentar alguns elementos importantes da cidade de Picos no período recortado, e entender o ambiente cultural que apresentava a cidade na década de 1970, este parecia ir de encontro ao contexto mundial e do Brasil. Terezinha Queiroz em seu artigo intitulado "Juventude anos 60 no Brasil: modos e modas" aponta as transformações que aconteciam no âmbito dos costumes, "padrões de consumo, moda, sexualidade, casamento, relação com a família, uso de drogas, inserção política reconceitualizada, usufruto do corpo, novos caminhos para a sociedade e a cultura"⁹. Chamando atenção para um momento da história onde a juventude faz notar sua presença tornando-se protagonista de várias ações e práticas sociais, trazendo neste bojo uma

⁸ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁹ QUEIROZ, Teresinha de J.M. *Do singular ao Plural*. Recife: Bagaço, 2006, p.273

produção cultural bastante relevante e, sobretudo desconstruindo a imagem de que essa década representa apenas como repressão e arbítrio político.

Pereira também assinala que as décadas 1960 e 1970 no Brasil veem ascenderem um novo poder, era a entrada em cena do jovem, que através de alianças que mantinham com outros grupos de contestação, representavam uma presença incômoda para o *status quo*, iniciando um conflito de geração em que a rebeldia juvenil ameaçava o estilo de vida, os costumes e os modos de vida dos seus pais. Para o autor o espaço privado e íntimo da família representava o palco de conflitos entre as famílias burguesas “ao invés de encontrar seu inimigo de classe no operariado das fábricas, a burguesia encontrava na figura de seus filhos cabeludos”¹⁰.

De acordo com Queiroz os conflitos domésticos colocavam-se “na inaceitação da moda escandalosa e exibidora do corpo que desnuda as moças e rapazes”¹¹, na extravagância de seus acessórios, na energia excessiva nos espaços públicos e no lazer, no consumo exagerado de bebidas, cigarros e outras drogas que se constatavam até mesmo nas mulheres e difundia-se em ritmo acelerado:

(...) inclusive entre as mulheres, do consumo de bebidas e de cigarros, coloca-se como imperativo o acompanhar as modas fugazes e já internacionalizadas, e a noite invadida por levas de jovens insaciáveis na busca do prazer, que se torna inseparável do barulho, música, das danças, dos movimentos que colocam o corpo em evidência.¹²

Pereira aborda que foi em meio à sociedade tecnocrática voltada para um ideal máximo de modernização, racionalização e planejamento, privilegiando aspectos técnico-racionais sobre os sociais e humanos, reforçando uma tendência crescente para a burocratização da vida social e, como resposta, as incertezas da época, surgiu uma nova maneira de pensar e se expressar, a contracultura. Os sinais mais evidentes destas manifestações contraculturais eram:

(...) cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música, drogas e assim por diante. (...) significava também novas maneiras de pensar, modos diferentes de encarar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas.¹³

No Brasil, o contexto para a emergência dos movimentos contraculturais foi a Ditadura militar, época em que houve muita repressão, pessoas que eram marcadas como

¹⁰ PEREIRA, Carlos A.M. *O que é Contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p.16.

¹¹ QUEIROZ, Teresinha de J.M, Op. Cit., p. 281.

¹² QUEIROZ, Teresinha de J.M, Op. Cit., p.

¹³ PEREIRA, Carlos A.M, Op. Cit., p.05.

subversivas, mas nem por isso esses movimentos deixaram de acontecer. Houve várias manifestações culturais do período no Brasil se destacando a Tropicália e seu universo multifacetado de produção como as músicas de Caetano Veloso e Gilberto Gil, os filmes de Glauber Rocha, os escritos de Torquato Neto, os livros de Wally Salomão, a revista *Navilouca* e várias manifestações que testemunharam inquietações da juventude.

Edwar Castelo Branco faz uma análise do período onde os jovens tentavam fugir ao controle, cerceamento e nomeação, passando na segunda metade da década de 1960 a tomar a cena, problematizando o seu modo de vestir, falar, consumir e de viver. Nas suas vistas vai se perceber uma tensão entre o velho e o novo, principalmente na irrupção do corpo no cenário público.

Nas vestimentas, especialmente, tal estilo ganha visibilidade e toma as ruas das cidades brasileiras: para os rapazes camisas xadrez, Madras, calças de cintura alta, cintos de couro rústico, mocassins ou sandálias de couro grosseiro, alguma foulards para o inverno, bonés de Beatles e muito raramente gravata. Estas quando compõe o vestuário, tem de ser berrantes e estampadas com exagero. Os conjuntos femininos (...) são compostos por meias coloridas e minissaias usadas com salto pequeno e grosso, calças compridas (...) se usa com sapatos de saltinhos, pantalonas que se fingem de saia e mini-vestidos. Nas cabeleiras um desenho geométrico de mechas de duas cores.¹⁴

Analisando o período em questão, Nilvon Brito encontra dois fatos na cidade de Picos que podem estar ligados aos movimentos de contestação, a existência de uma banda de rock *Os Rebeldes* e um grupo de estudantes que se reuniam nos fundos de um armazém para discutir e produzir literatura gerando um jornal de nome *O Brado Estudantil*. Apropriando-se do livro *Musica Para Pensar* de Gilson Chagas, o autor busca entender o ambiente cultural e social que este recria da cidade de Picos na década de 1960 1970:

Os lugares frequentados pela juventude, a escola, os professores, nome de jornal estudantil os transporte e seus donos, a praça, alguns personagens e algumas situações políticas entram na narrativa, segundo o próprio autor, como elementos agregados aos personagens como uma forma de homenagear os colegas, como também um exercício de memória onde nostalgicamente ele recria o ambiente estudantil da época, do qual foi personagem.¹⁵

¹⁴ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 69-70.

¹⁵ BRITO, Nilvon Batista de Sousa. *Contracultura, oralidade e transgressão no interior do Piauí (1960/1970)*. Picos –Pi. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros –Picos, 2011, p. 33.

A partir de personagens fictícios Nilvon Brito¹⁶ aborda que o livro revela as práticas políticas do poder local que estavam concentradas nas mãos da oligarquia picoense, as famílias Barros Nunes e Neiva Eulálio, que disputaram por muitos anos a corrida municipal durante o bipartidarismo da Arena versus MDB imposto pela ditadura. O comportamento social, político e cultural representado pelos dois personagens fictícios do livro são importantes para a compreensão das questões comportamentais em Picos na década de 1970, já que os personagens representam dentro da obra uma possibilidade de existência coletivo da cidade naquele momento. O autor percebe nas entrelinhas de diálogos realizados entre o personagem Joca e Boa Hora que na cidade de Picos havia entre uma parcela da juventude o desconhecimento das lutas armadas e a inexistência desse tipo de luta na cidade.

Indo de encontro com seu pensamento, está Pedro Cesário¹⁷ que no seu estudo discuti a agitação, efervescência cultural que a cidade de Picos apresentava no período em questão, apontando que as manifestações encontradas naquele espaço social tornaram-se tímidas, ao contrário de outras no país devido à tradicionalidade da religião e das grandes famílias que impunham às normas e leis para a sociedade picoense. O autor afirma ainda que tais agitações se tornaram bastantes restritas em Picos também pela obscuridade, falta de informações e medo da população por estar em vigor a ditadura militar. A depoente Maria Helena Luz¹⁸ lembra que pelo fato dos meios de comunicação não fornecer as devidas informações em relação à situação política do país, os jovens eram leigos e os movimentos sociais que estavam ocorrendo foram passados despercebidos.

Mundica Fontes em seu relato também aponta isso, na memória desta os jovens picoenses eram muito tolhidos em relação à política e a efervescência cultural que acontecia mundial e nacionalmente, eram proibidos de falar sobre política e ler livros relacionados ao comunismo, pois pregavam que o comunismo era algo ruim para a sociedade. A entrevistada teve contato com revistas, jornais por ter um tio escritor que morava em Teresina e mandava exemplares para ela, a partir daí passou a ser fã de Che Guevara:

Eu fazia ginásio nessa época, eu lembro que o diretor foi colocado (...) Sargento Camelo (...) um dia estávamos lendo, e eu com um recorte da foto de Che Guevara, tava eu e mais duas colegas, ele chegou por trás e nos tomou, eu tava ate com um livro que um amigo tinha emprestado, tinha três amigos que eram idealistas do comunismo e eles pregavam muito diziam que

¹⁶ Idem.

¹⁷ ROCHA, Pedro Cesário da. *A musicalidade Picoense (1968/1983)*: (En) cantos das gerações. Picos –PI. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros –Picos.

¹⁸ Maria Helena Luz, é professora do Estado, nasceu no povoado Úmari, mas atualmente mora no Bairro Ipuéiras. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

queriam o socialismo, ai ele nos levou para a diretoria, perguntou onde conseguimos examinou tudo sobre o livro, a gente falou que foi um amigo que emprestou, “porque vocês estão lendo?” porque admiro, eu acho ele lindo, ai ele viu que a gente era tao inocente, que a gente não tinha aquela visão de uma política terrorista, a gente não tinha essa coisa toda contra o governo, ele mandou chamar nossos pais e pediu pra proibir a amizades com esse rapazes, colegas de turma”¹⁹

Sargento Camelo percebeu que a atitude de Mundica Fontes e suas colegas não tinha um sentido político, pelo menos para os padrões políticos que se esperavam de estudantes de esquerda naquele momento no Brasil. As jovens estavam vendo aquele recorte porque achavam bonito a figura de Che Guevara, e não por associação com práticas da esquerda clandestina, ou pelo que Sargento Camelo denominaria por maldade. Ao contrário do que aconteceram com os três rapazes, que segundo a entrevistada foram suspensos da escola e tempo depois souberam que seus livros foram apreendidos e queimados, tudo foi feito ocultamente e a família foi proibida de comentar sobre o incidente. O que se percebe é que em Picos não houve torturas e prisões na época, o que acontecia era censura, principalmente entre aqueles que tinham uma visão mais amadurecida e crítica sobre o regime militar. Mas o que interessa para a pesquisa, são os comportamentos ditos de esquerda, observar-se que eram bastante pontuais, mas pode-se ressaltar que mesmo incipientemente, estas formas de agir acabaram por se manifestar nos sertões do Piauí.

Partindo da análise do livro *Música Para Pensar*, Nilvon Brito²⁰ percebe que entre o grupo de poetas que formaram o jornal o *Brado Estudantil* existia um caráter underground próprio do movimento de contestação da contracultura, a reunião no fundo do armazém, venda do jornal pelos próprios editores, os limites de circulação e o destino do lucro, todos esses elementos podem ser percebidos como semelhanças e afastamentos da poesia marginal. Destaca outro ponto importante do livro para a compreensão do período, este aspecto estava relacionado aos integrantes da Banda *Os Rebeldes* que influenciados pelos *Beatles* e *Rolling Stones* trazem a partir de sua estética, cabelos compridos e roupas extravagantes, elemento determinante para a compreensão de suas relações sociais.

Nilvon Brito²¹ apresenta o perfil da cidade interiorana de Picos como uma sociedade que na grande maioria do tempo era tradicional, fechada e repressora, comandada por uma oligarquia que estava no poder desde a criação do município em 1890. Segundo o autor, os editores do jornal o *Brado Estudantil* e a banda *Os Rebeldes*, ao apresentar suas angustias

¹⁹ MOURA, Raimunda Fontes de. . *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012

²⁰ BRITO, Op. Cit.

²¹ Idem.

através de poesias ou músicas revelavam que se sentiam explorados diante de uma sociedade opressora e segregacionista. Recorrendo ao visual, *Os Rebeldes* atingiam aquela sociedade que se escandalizava, contudo, esse assunto será aprofundado no capítulo 3.

1.2 Para estar no social... os lugares de lazer e espaços de apresentar- se socialmente em Picos

1.2.1 Praça, cinemas, tertúlias e clubes

A cidade de Picos nos anos 1970 proporcionaria a sua população algumas formas de lazer, e são nestes espaços de sociabilidade que os indivíduos apresentavam os seus comportamentos, as formas juvenis e a própria moda. As opções que se podiam encontrar no ambiente urbano ficavam, em grande parte, localizadas na Praça Félix Pacheco. Ao seu redor existia um complexo de espaços que atraíam as pessoas, especialmente os jovens, estes lugares eram importantes para o divertimento e socialização. Sobretudo, esses ambientes também eram destinados para o exibicionismo entre as mulheres que traziam consigo elegância ao comportar, falar e, principalmente, o vestir. De acordo com Oneide Rocha as mulheres de Picos se vestiam muito bem, sendo costumeira a afirmação entre a população que “Paris lança a moda e Picos acompanha”²².

Percebe-se, de acordo com a fala de algumas entrevistadas, na época tratada, que havia roupas adequadas para cada ocasião, assim como lembra Oneide Rocha²³, as roupas dividiam-se em uso diário, usadas no ambiente privado da casa, geralmente os tecidos eram bem leves para ficar mais a vontade; as roupas semanais, eram as que deveriam ser usadas no espaço público e muitas vezes, eram destinadas, para irem as missas, cinemas, praças; e, por fim, as roupas de festas, eram as mais formais na década de 1970, usadas para as festas nos clubes, e formaturas, em especial para as mulheres, sempre vestidos longos. Havia entre a população o costume de inaugurar as roupa novas nas missas, segundo algumas memórias, os mais velhos acreditavam que era uma boa prática podendo trazer mais sorte.

Sobre a questão dos comportamentos, Duarte²⁴ apresenta a Praça Félix Pacheco como o único jardim público da cidade, que agregava funções comerciais, residências, proporcionando também o lazer, já que era um local de socialização da cidade de Picos. Como

²² ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

²³ Idem.

²⁴ DUARTE, op. cit.

aponta Oliveira²⁵ a Praça Félix Pacheco tinha um formato triangular, o que favorecia a criação de uma divisão de usos e funções, com um enorme jardim que apresentava desde floridas roseiras e plantas rasteiras a árvores de grande porte, como os carnaubais que balançavam no encontro com o vento. Os bancos ficavam ao lado dessa vegetação proporcionando aos seus frequentadores uma sensação de ar puro e um maior contato com a natureza. A maior movimentação ocorria nos fins de tarde e a noite, tornando-se um lugar propício para os namorados. Este passeio dos jovens na praça acontecia durante a semana, especialmente ao anoitecer, contudo, às vinte e uma horas, quando o relógio da matriz começava a bater, todos saíam apressados, pois, como informa Mundica Fontes em depoimento “a última pancada das vinte e uma horas, nós já estávamos todos em casa”.²⁶ Mundica reforça em suas lembranças que não ficavam nenhum jovem na rua, passando o policiamento para certificar que não havia ninguém, porque se estivesse alguém os policiais levavam para a delegacia.

Quando os jovens iam para suas casas depois do passeio na praça, viam as ruas tomadas de pessoas nas calçadas que ficavam conversando, muitas vezes, jogavam baralho, sendo considerado uma forma de lazer para as pessoas mais velhas e casadas.

O passeio aos domingos na praça era em horários diferenciados, geralmente aconteciam depois da missa das 9 horas da manhã. Muitas vezes, o Coreto saía da missa e ia tocar na rua perto da Praça Felix Pacheco, passando o dia por ali. Ao redor da praça ficavam localizadas as sorveterias, os bares, aos domingos lotavam de grupos de famílias que sentavam observando os acontecimentos naqueles espaços de vivências coletivas.²⁷ A Praça Félix Pacheco espaço de lazer e socialização experienciava variadas práticas juvenis. Na década de 1970 era comum entre as moças passearem ao redor da praça surgindo nessa década a moda do dedo mindinho, que era a prática de saírem, as moças, caminhando agarradas ao dedo mindinho. Os homens ficavam de um lado da praça em filas e elas passavam iniciando o flerte, quando algum rapaz decidia acompanhar uma moça fazia o sinal e ia para dentro da praça conversar. O namoro ali era muito sutil, não existia em público o beijo na boca, se caso ocorresse era considerado escândalo na época. Faltavam as opções de lazer para os interiores, os rapazes iam para as casas das moças sentar-se na calçada e namorar, ficavam de um lado o casal, e do outro os pais da moça, a entrevistada Maria Helena Luz lembra que quando sua mãe entrava dentro de casa deixava seu pai sobreaviso de que ele

²⁵ OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. A Geografia dos desejos: Cidade, Lazer, Gênero e Sociabilidades em Picos na década de 1960. 2011. 80 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011, p.31.

²⁶ MOURA, Raimunda Fontes de. . *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

²⁷ MOURA, Raimunda Fontes de. . *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

não poderia entrar “(cochichava) fica ai que venho já”, o namoro era só pegar na mão, não podiam haver o beijo, como recorda:

Uma vez minha mãe viu Hélio beijando minha face, não era na boca. Beijo na boca era só às escondidas, alguma vez. Na face que ela viu, meu Deus, cheguei em casa ela brigou, disse que não era coisa de moça, moça não deixava homem ficar beijando rosto, da vontade de pegar uma faca e tirar o tampo do rosto, ela ficou brava porque viu ele me beijando[...]²⁸

O cinema na cidade era outro ponto que envolvia picoenses em mais um espaço de lazer. Na década de 1970, o cinema que existia na cidade era o Cine Spark, segundo Oliveira²⁹, seu espaço era formado por uma tela panorâmica e cadeiras confortáveis, em um ambiente ventilado, as exibições eram realizadas todos os dias, no horário da noite e, nos finais de semana, eram duas sessões diárias, uma à tarde e outra à noite. Os jovens que moravam no perímetro urbano se reuniam em grupos que, geralmente, eram parentes, vizinhos ou amigos que estudavam juntos, e combinavam de assistirem aos filmes. Ressalta-se que nesta época as divisões espaciais entre homens e mulheres eram bem definidas, cada um respeitando o espaço do outro. Outro aspecto interessante é que não eram todos que tinham condições de pagar o ingresso, os indivíduos que moravam na periferia como o Bairro Trizidela e a Rua da Malva, não frequentavam o cinema, ficavam do lado de fora ouvindo e esperando por um vento para que as cortinas levantassem e pudessem ver alguma coisa.

Conforme a pesquisa realizada por Aylla Luz³⁰, a localização do Cine Spark era favorável por estar próximas a outros pontos de lazer e sociabilidades, a autora ainda afirma que mesmo com o pudor que existia entre a sociedade tradicional picoense o espaço do Cine Spark era respeitado pelos cidadãos, os pais deixavam as moças frequentarem o cinema desde que fossem acompanhadas por algum membro familiar. Para as crianças, de acordo com a classificação dos filmes, poderiam assistir o que era mais comum nas matinais do domingo. A autora apresenta também que o cinema era espaço destinado para shows, de calouros onde alguns poderiam ganhar prestígio, assim como Odorico Carvalho³¹, sendo considerado uma estrela local, e formando uma banda. O espaço do Cine Spark era bastante eclético, recebia cantores que eram reconhecidos nacionalmente como também cantores de músicas sacras. Nesses shows, a autora aborda que a presença feminina era menos expressiva em relação aos

²⁸ LUZ, Maria Helena. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

²⁹ OLIVEIRA, op. cit.

³⁰ LUZ, Aylla Mara. *Cine Spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012.

³¹ Cantor, na década de 1970 era um dos componentes da Banda *Os Rebeldes*. Atualmente é diretor na empresa TV- Picos, canal 13.

dos homens concluindo que isso se dava devido os valores morais que exigiam que as mulheres fossem recatadas.

Luz³² indica que o cinema ao proporcionar novas formas de lazer para o público, despertava também desejos e sonhos daqueles que viam nos artistas e heróis das telas cinematográficas, especialmente no que se refere à moda, as pessoas queriam imitar os penteados, as roupas e gestos que essas estrelas do cinema hollywoodiano traziam.

Em depoimento Mundica Fontes³³ informa que a cidade de Picos na década de 1970, contava com alguns espaços destinados para o lazer privado virgulado, exclusivo somente aos sócios, que acabavam vez ou outra, sendo abertos ao público que poderia pagar. Nestes ambientes aconteciam às festas, estes eram os chamados “clubes sociais”, dentre eles se destacavam a Sociedade Civil Picoense Clube, Samambaia e Associação Atlética Banco do Brasil – AABB. O primeiro destes espaços implantados em Picos foi a Sociedade Civil Picoense Clube, mais conhecida como Picoense Clube, neste espaço eram realizados as festas mais importantes da cidade que reuniam as classes mais abastadas, como nos indica Duarte³⁴, nestes espaços as senhoras e senhoritas da sociedade picoense exibiam-se sempre elegantes, assim como também os homens que deveria ir de terno, o autor assim como algumas depoentes afirmavam que a moda vinha de Paris direto para Picos.

As principais festas do Picoense Clube que reuniam tanto adultos como jovens eram o réveillon, que se transformou no maior e mais elegante acontecimento social da cidade de Picos, exigindo traje passeio formal, assim como também, o carnaval, no qual eram usadas as mais criativas e divertidas fantasias. Neste espaço, por ser frequentado somente pela elite, exigia-se que os homens só pudessem adentrar o recinto trajados de ternos e gravatas, existiam muitas tentativas de burlar essa ordem, uma vez que, aqueles que não possuíam ternos não deixavam de ir, como nos informa Mundica Fontes segundo esta, assim que entravam alguns rapazes e colocavam os ternos dependurados nas cadeiras, um deles pegava o terno ia em direção para o interior do clube, jogando o terno para o lado de fora, onde outro rapaz, já estava esperando para adentrar ao ambiente, assim “muitas vezes entravam 10 pessoas com um único terno”.³⁵ Esses eram os locais de lazer que Picos proporcionavam aos cidadãos, assim configuravam-se como espaço mais oportuno para exibição.

³² LUZ, Aylla Mara. Op. Cit.

³³ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

³⁴ Duarte, Renato. Op. Cit.

³⁵ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

1.3 Comportamento também é moda...: as regras sobre um corpo disciplinado, entre a escola, Igreja e as proibição ao uso do corpo e da vestimenta.

Com relação à questão dos comportamentos sociais que podem ser analisados como momento associados aos modismos sociais, observa-se que na década de 1970, alguns aspectos mudavam no que tange à questão educacional, começavam a entrar em vigor outras condutas comportamentais, e que muito contribuíram para a mudança nas condições de ser e estar naquele período em Picos. A entrada de um número mais expressivos de alunos nas salas de aula, fez com que houvesse outras formas de condicionar os comportamentos sociais e até mesmos rebelar-se contra eles.

De acordo com relatos de algumas entrevistadas, na década de 1970, grande parte dos pais picoenses que tinham recursos já priorizavam os estudos dos seus filhos, o ensino passou a ser visto como importante relacionado a algo promissor para o futuro, visto as pequenas, mas existentes condições de avanços que Picos passava, onde a agricultura e o pequeno comércio não mais satisfaziam aquelas novas exigências para sobrevivência. Os pais que moravam na cidade, Picos já contavam com várias escolas públicas e uma particular, nesse sentido, buscavam inserir seus filhos desde crianças no ambiente educacional escolar, muitos destes quando concluíam o ensino Ginásial, que era até onde a cidade oferecia, ia para outros estados dar continuidade aos estudos, inclusive em busca das universidades.

Mundica Fontes³⁶ relembra que o ensino que as escolas exerciam não era apenas de transmitir o conhecimento das letras, mas também de educar de acordo com os padrões morais que a sociedade exigia. Nos anos 1960 as turmas escolares eram bem definidas, homens e mulheres não podiam estudar numa mesma sala, isso porque não se poderiam acontecer brincadeiras entre eles e também como uma forma para evitar os namoros naquele ambiente escolar, estas eram formas de observar a conduta e os corpos desses jovens. Contudo, algumas mudanças se deram de forma rápida e já na década de 1970 é possível encontrar as turmas mistas, entretanto, dentro da sala aconteciam às divisões, os rapazes ficavam de um lado e as moças do outro.

A Escola Normal Oficial de Picos era uma destas escolas que só permitam o ingresso das mulheres, a estas era antes de tudo princípios morais, que deveriam ser seguidos para que a moça fosse honrada e respeitada diante da sociedade, isto já ficava evidente no uniforme que era exigido pela escola. De acordo com a fotografia número 01, percebemos que era

³⁶ Idem.

usada uma blusa de mangas compridas e as saias não poderiam ser acima dos joelhos, exigia-se que fossem bem compridas, neste ponto havia vários conflitos entre a diretora da Escola Normal e as alunas no que diz respeito a essa norma, as alunas queriam usar saias mais curtas e tentavam burlar as ordens, e a diretora estava sempre atrás das moças que não cumpriam as ordens, de acordo com o depoimento de Mundica Fontes:

A gente fazia assim, levava linha, andava sempre com um tubinho de linha ou então enrolava a linha no palpezinho com uma agulha, a gente dobrava a bainha, só que Dona Zizi não deixava, ela pegava baixava, perguntava porque essa bainha? Garanto que sua mãe não deixou você sair assim de casa, aí ela descia a bainha da gente. Mas a gente não se intimidava e no outro dia fazia a mesma coisa (risos).³⁷



Fotografia 01: Estudantes da Escola Normal de Picos

Fonte: Acervo pessoal de Mundica Fontes. Novembro de 1969.

³⁷ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

A foto foi tirada numa comemoração da turma, ultimo ano ginásial, tratava de uma aula da saudade, o tom descontraído de algumas tanto das expressões faciais quanto do uso dos óculos escuros indica, que a foto não era oficial da escola, pois nessas circunstancias requeriam bastante seriedade, mas revela uma situação de lazer que o momento proporcionava, o uso das saias abaixo dos joelhos pode indicar bem o que foi dito anteriormente que havia uma tentativa de burlar as ordens propostas especificamente pelas diretoras, e que estas tentativas davam certo.

Outro espaço que cabia comportamentos e vestuários específicos foi o religioso. Segundo Renato Duarte³⁸, na década de 1950, existia uma cultura do bolero, essa indumentária foi adicionada aos guardas roupas feminina por conta da ação conservadora do Padre Madeira que considerava indecentes as vestes femininas que possuíssem mangas curtas, e não aceitava que elas entrassem na Igreja assim trajada, sendo terminantemente proibidas. As senhoras e senhoritas encontraram nesse colete curto que possuíam mangas três quartos e cobria todo o colo a maneira de não correr o risco de serem expulsas durante os ofícios religiosos. O autor ainda discorre que esta imposição do Padre Madeira foi integrada a cultura picoense por mais de uma década, as jovens que assistiam a missa, geralmente, depois seguiam para a Praça Felix Pacheco, antes de iniciarem seu desfile, dobravam e colocavam na mão o bolero, as que moravam próximas iam a suas casas guardá- los.

A Igreja Católica impunha também costumes e valores morais no cotidiano, era mais uma a ditar o comportamento correto e adequado que as pessoas deveriam desempenhar na sociedade, nesse sentido, orientava e direcionava principalmente os jovens a ter determinados costumes relacionados aos valores e respeito a si mesmo e ao próximo. Apesar dos anos de 1970 terem sido um período onde foram quebrados vários tabus, acentuando-se a rebeldia contra os costumes e comportamentos conservadores, de acordo com o relato dos entrevistados, havia respeito quanto ao uso de roupas na Igreja, mesmo não tendo mais imposições para o uso do bolero, a sociedade ia sempre coberta usando roupas recatadas adequadas àquele ambiente.

Nessa década, a Igreja Católica detinha um grande poder para propagar o uso adequado que os jovens deviam fazer do corpo, era conservadora para a questão da sexualidade, assunto que estava altamente ligado a moral. Era bastante propagado que a pratica do sexo só poderia ocorrer depois do casamento, às chamadas mulheres desonradas, eram vistas pela sociedade com muito preconceito, por isso Maria Helena Luz diz que as

³⁸ DUARTE, op. cit.

mulheres “tinham que mostrar para sua família e mais ainda para a sociedade que era muito direita”³⁹, a honra de alguém era fator determinante para se viver bem em sociedade.

No ano de 1958 ocorreu um escândalo na sociedade picoense, em uma sociedade pacata, onde os papéis de homens e mulheres deveriam ser bem definidos, quanto aos comportamentos, lugares e, sobretudo vestes. Até então, a mulher só poderia vestir-se com vestidos e saias, e ter cabelos compridos; as calças compridas eram exclusivamente masculinas, assim como os cabelos curtos. Foi então que pela primeira vez na Praça Felix Pacheco apareceu Cecy Campos de calça até os joelhos, os cidadãos que nunca tinham presenciado tão forte revolução nos vestuários femininos, escandalizaram-se.

Não conseguiu-se muitas informações sobre este episódio, a foto número 02 não diz muito sobre a recepção dos caminhantes da Praça Feliz Pacheco sobre a vestimenta, não foi possível contato com a mesma nem com ninguém da sua família porque eles foram embora de Picos em 1956. Contudo em conversas com o proprietário do arquivo, Cecy Campos usou esta calça até os joelhos e usava calça comprida, pois, morava em um grande centro urbano, Fortaleza, o que talvez fosse comum e por ter outro modo de vida. A foto foi tirada em uma de suas visitas à cidade, percebemos à sua elegância na postura da foto, ao usar sapato e bolsa combinando, teve caráter histórico em decorrência da memória que se criou em torno da utilização da calça.



Fotografia 02: Cecy Campos.

Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano, 1958.

³⁹ LUZ, Maria Helena. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

Em Picos, até os anos de 1966 e 1967, acontecido o fato isolado relatado anteriormente, não é possível encontrar mulheres vestidas de calças compridas, apenas no final da década surgem mulheres que começam a dispor dessa vestimenta, mas de forma bem mais restrita a um pequeno público feminino, que não se intimidavam e mostravam coragem aos olhos de indivíduos conservadores.

A entrevistada Maria Iracema Luz⁴⁰ relatou um fato curioso que aconteceu quando ainda moça, por volta de 1971, ela comprou um tecido quadriculado (vermelho com preto) e levou para que uma costureira fizesse uma calça comprida, no domingo era costumeiro seus tios irem pra sua casa, então como passeava aos domingos resolveu usar sua primeira calça comprida, seu pai neste dia estava viajando, pois era taxista, então, quando saiu com a calça seus tios reprovaram aquela atitude estranha morando no Bairro Ipueiras, região que era afastado da cidade, nunca antes nenhuma moça do Bairro atreveu-se a vestir de tal modo naquela região, ato que consideravam escandalizador. Então, segundo a entrevistada, os tios insistiram com ela pra que tirassem a calça, Iracema Luz confessou que respondeu a altura negando-se a tirar, então um dos seus tios revoltado tentou agredi-la, e a sua reação foi segurá-lo firme, e deu-lhe uma rasteira, chegando os dois a caírem no chão.

Com esses exemplos percebemos que o uso da calça por ser considerada parte do vestuário masculino, sofreu reações diversas diante de uma parcela significativa da sociedade conservadora picoense, por acharem que aquele comportamento não se adequava ao que uma mulher deveria ser.

Por volta do ano de 1973, o uso da calça, assim como cabelo curto entre as mulheres já era permitido na sociedade picoense. O caráter da androginia, que mistura características físicas femininas e masculinas em um único ser, no Brasil e Mundo já apresentavam fatos comuns.

1.4 As formas de acesso aos comportamentos e formas de vestir-se em tempos globalizados: revistas, rádio, cinema, televisão, viagens, vindas de parentes de grandes centros urbanos.

De acordo com uma pesquisa de campo, na década de 1970 em Picos, as pessoas que tinham melhores condições financeiras assinavam revistas que circulavam nacionalmente,

⁴⁰ Maria Iracema Araújo Luz é professora aposentada, mora na Ipueiras. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

Oneide Rocha⁴¹ lembra que desde pequena assinava a revista *O Cruzeiro* e que tinha acesso à revista *Manchete*. As condições da cidade eram muito precárias e estas demoravam muito a chegar e quando chegavam já eram com certo atraso⁴².

A partir dos anos 1960 Picos contava com emissora de rádio *Luar do Sertão*, era um meio de comunicação acessível a toda população, que possibilitava o acesso as informações que ocorriam na cidade e até mesmo no Brasil e mundo, pois como afirma Oliveira⁴³, era feita muitas vezes na rádio a leitura dos jornais impressos vindos de outras partes do Brasil. A autora diz que a programação não tinha um horário fixo podendo variar, com exceção da reza da ave Maria realizados todos os dias às seis horas da tarde, tornando-se diversificada para atender as exigências das crianças, jovens e adultos, gerando entretenimento a essas faixas etárias. Para incluir na programação músicas e programas de calouros, eram noticiados também ofertas de empregos e produtos.

Segundo Oliveira eram fixados os altos falantes em três pontos da cidade para que a população não perdesse a propagação das variadas informações “no centro da cidade, próximo à Igreja Nossa Senhora dos Remédios, a Igreja Matriz e ao comércio da cidade. O espaço físico da rádio localizava-se, ainda, nas proximidades do Mercado Central”⁴⁴. Ainda era incluído na programação os shows de calouros que se apresentavam no auditório do Cine Spark.

A Radio Difusora de Picos foi inaugurado já no final da década de 1970, apresentava programações parecidas com a outra emissora de rádio. Nenhuma delas abordavam especificamente uma coluna relacionada à moda, mas a Difusora apresentava um programa chamado *Sociedade Em Foco* uma espécie de informativo social onde a primeira parte do programa se destinava a leitura de crônicas feitas por uma das apresentadoras chamada Graça Granja e na segunda parte da programação focavam o social, neste momento eram divulgados os aniversariantes, festas das cidades, pessoas que partiam ou retornam de viagens, quem

⁴¹ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁴² A pesquisa tentou analisar periódicos, porém não encontrou disponibilidade, em Teresina na Biblioteca Cronoel Carvalho existem exemplares, porém, como ficou fechada por três anos e foi reaberta há um ano, a estrutura não foi totalmente organizada e encontram-se caixas lacradas impedindo a visualização, na Biblioteca da Universidade Federal do Piauí Campus de Teresina também não foram disponibilizados exemplares argumentaram que não havia, na internet encontramos exemplares digitalizados porém não constavam fotos e nada de relevante para o trabalho, alguns periódicos estavam sendo vendidos no sebo compramos, mas, passados dois meses não chegou ao destino.

⁴³ OLIVEIRA, op. cit.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 41.

casou, quem noivou. Segundo entrevista com Remédios Maia⁴⁵ tudo era feito com muita responsabilidade visando notícias com total veracidade. Apesar de sabermos que a rádio foi importante veículo de propagação de comportamento social, estas emissoras de rádio não guardaram material que pudesse ser utilizado como fonte nesta, ou em qualquer outra pesquisa.

O cinema foi um meio importante que contribuiu para que os picoenses pudessem estar antenados com os modos e modas que aconteciam no Brasil e no mundo, as mulheres picoenses buscavam inspiração nas atrizes do cinema para explicar o fascínio de andar bem vestidas e maquiadas, a partir dos filmes que assistiam elas copiavam os modelitos das atrizes mais afamadas, como nos revela Oneide Rocha⁴⁶ no seu depoimento, as principais atrizes eram: Marilyn Monroe, Regina Norobrisa, Sofhia Loren, Elizabeth Taylor dentre outras. As moças picoenses levavam para suas costureiras fazerem os modelitos próximos aos das atrizes. Aylla Luz afirma que o cinema proporcionou investidas femininas na busca de imitar as estrelas de filmes americanos, italianos, brasileiros dentre outros:

[...] seja no vestir com os decotes e o encurtamentos das roupas; nos comportamentos, com o cruzar das pernas e as investidas dos ventos, os quais poderiam levantar um pouco os vestidos das mocas fazendo com que as pernas ficassem em evidencia, o que seria associado a artista Marilyn Monroe e a ideia de sensualidade que ela carregava consigo; no agir nos salões e perante um rapaz ou flerte; falar com fineza e sendo chic, dentre novos modos. Esses novos comportamentos procuravam definir os cinéfilos- seja homens ou mulheres- como o habitué, elegante, atualizado e distinto do povo mal educado.⁴⁷

Ao produzirem figurinos e imagens que seriam usadas pelas atrizes do cinema, é perceptível que se tinha aspectos singulares, a tentativa de marcar bem os corpos e rostos das mesmas para atrair a atenção dos indivíduos. De acordo com a crônica “Segredos e Truques de maquiagens são uma paixão antiga das italianas”⁴⁸ nos filmes em preto e branco as atrizes usavam batom roxo ou preto para dar um contraste aos vários tons de cinza da película televisiva, quando o cinema passou a ser transmitido em cores os batons vermelhos ganharam as telas perdurando por muito tempo, mais tarde os tons pasteis se sobrepuseram a cor púrpura, os lábios passaram a serem mais discretos e os olhos bem marcados com os delineadores e cílios postiços. Esse caráter chamativo representado pela estética das estrelas

⁴⁵ MAIA, Remédios. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁴⁶ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁴⁷ LUZ, Aylla Mara. Op. Cit.

⁴⁸ G1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/04/segredos-e-truques-de-maquiagem-são-uma-paixão-antiga-das-italianas.html. Acesso: 04 abril de 2012.

despertava interesse pelas mulheres picoenses de querer aproximar-se visualmente de seus ídolos, para isso a imitação era uma base desejável para se alcançar.

Alguns estudiosos do cinema em Picos afirmam que a decadência do mesmo se deu inclusive pela chegada da televisão na cidade em 1972, transmitida através do estado do Ceará, de acordo com a memória de Oneide Rocha⁴⁹ o sinal era muito ruim onde vez ou outra saia ar, mas foi um meio importante para os cidadãos se atualizarem em tempo real de acordo com o que viam. A televisão foi chegando aos poucos, inicialmente não existia em todas as casas, uma vez que era um bem de consumo caro, mas isso não impedia seu consumo, assim muitos jovens e adultos reuniam-se nas casas de parentes e amigos para assistirem, dentre os programas preferidos pelo público picoense estavam as novelas e os programas de auditório.

Nos anos 1970 as telenovelas evoluíram no que diz respeito à encenação, conteúdo, estrutura narrativa e linguagem televisiva, foram introduzidos temas paranormais, sátiras políticas, críticas sociais ao lado dos temas românticos convencionais.⁵⁰ As novelas desempenhavam um papel não de apenas entretenimento, mas recaía sobre ela a responsabilidade de lançar e imprimir novas modas; a partir daí os indivíduos apropriavam-se das imagens televisivas para se comportar e vestir-se de acordo com o que veiculavam no momento. Na década de 1970, as novelas lançaram modas que muitas vezes se estenderam por décadas anteriores podendo ser vistas atualmente. Diante do contexto que os anos 1970 com o advento da Revolução Sexual, a criatividade, experimentação refletia-se na inventividade das roupas que as personagens novelísticas souberam usar e ditar.

Dentre as novelas que marcaram época no que tange a moda, e que foram lembradas pelas nossas entrevistas, destacamos a novela “Pigmalião 70” exibido no ano de 1970, pela TV Globo. Esta novela trouxe como destaque a personagem milionária Cristina Guimarães interpretado pela atriz Tônia Carrero, esta personagem lançou um corte de cabelo que virou uma febre na época, sendo imitado por muitas mulheres na década de 1970, perdurando até mesmo nos anos 1980. Por ter sido lançado na novela, e ter tido uma boa aceitação, virando uma moda, esse corte ficou conhecido como Pigmalião, a foto número 03 mostra como era esse corte, bastante volumoso no alto e fios comprido do pescoço para baixo, as mechas davam um formato de camadas repicadas, o comprimento dos fios embaixo tirava o volume dando um tom de descontração e leveza nos cabelos.

⁴⁹ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁵⁰ WWW.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/dec70.htm. Acesso: 16 de janeiro 2013.



Fotografia 03: A atriz Tônia Carreiro e o corte Pigmaleão.

Fonte: <http://www.abril.com.br/fotos/novela-anos-70-moda/>. 12 janeiro 2013.

A novela “Mulheres de Areia”, exibida em 1973, obteve muito sucesso, trazendo a atriz Eva Wilma nos papéis das gêmeas Ruth e Raquel. A personalidade das duas refletiam no comportamento e no vestir-se, Raquel era sempre mais ousada como mostra a fotografia 04, onde a atriz aparece com barriga de fora e cigarro na mão, sendo os tons sombrios de suas roupas marcavam sua personalidade forte da personagem; e a Ruth assim como nos indica a fotografia número 05, vestida com um vestido de lapela de paletó muito bem coberta e os tons claros da roupa, permite perceber que tratava de uma personagem tímida e doce com ares de moça recatada e ingênua.



Fotografia 04: Eva Wilma atuando como de Raquel.

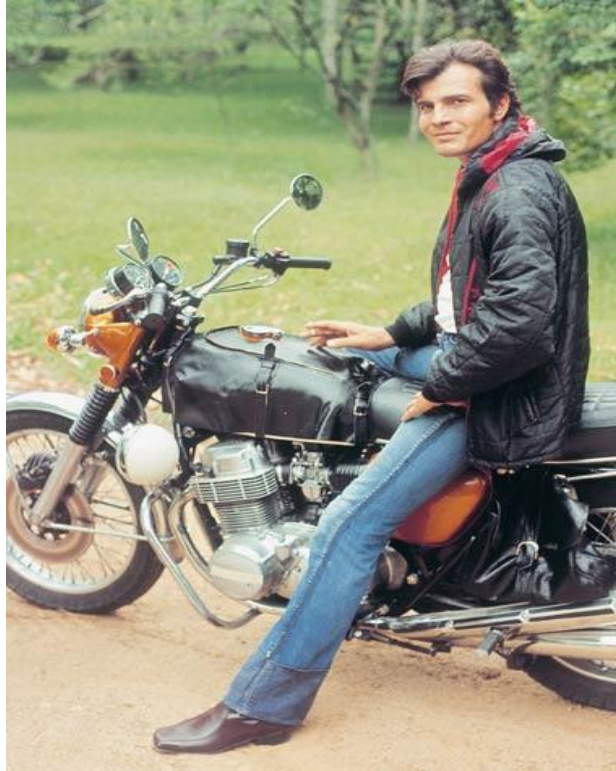
Fonte: <http://www.abril.com.br/fotos/novela-anos-70-moda/?ft=1973-eva-wilma-mulheres-1g.jpg>. Acesso: 12 janeiro 2013.



Fotografia 05: Eva Wilma atuando como Ruth.

Fonte: <http://www.abril.com.br/fotos/novela-anos-70-moda/?ft=1973-eva-wilma-mulheres-2g.jpg>. Acesso: 12 de janeiro 2013.

Em 1973 é exibida pela TV Globo a novela “Cavalo de Aço”, que trouxe o personagem Rodrigo Soares, atuado neste esta Tarcisio Meira, o seu estilo atraiu muitos homens para mudança no guarda roupa, nas cenas de acordo com a fotografia número 06, exibia- se com a calça jeans e boca de sino e jaqueta matelassê. O que marcou essa novela eram os sapatos de salto alto que os homens usavam, o que veio a ser chamado de *cavalo de aço* por ter sido lançado também nessa novela.



Fotografia 06: Tarcísio Meira, atuando no personagem Rodrigo Soares.

Fonte: <http://www.abril.com.br/fotos/novela-anos-70-moda/?ft=1973-tarcisio-cavalo-1g.jpg>.

Acesso: 12 janeiro 2013.

A novela que também lançou modas na década de 1970 marcando-a foi “A Barba Azul” exibido pela TV Tupi, aonde novamente Eva Wilma vem, através de sua personagem, ditar modas. Seu figurino era cheio de detalhes apreciados e copiados por muitas mulheres, aparecia em cena sempre com as famosas calças boca de sino riscada de giz, sapatos tidos como hippies, as plataformas, na fotografia número 07 aparece com uma plataforma de corda e lenço no pescoço o que demonstrava a liberalização consumada.



Fotografia 07: Eva Wilma.

Fonte: <http://www.abril.com.br/fotos/novela-anos-70-moda/?ft=1974-eva-wilma-barba-1g.jpg>.

Acesso: 12 janeiro 2013.

Essas foram as principais novelas que ditaram moda na década de 1970 no Brasil inteiro e, conseqüentemente, recaíram no gosto dos cidadãos picoenses, que usando alguns meios de comunicação propiciados na época estavam sempre atualizados com o que estava em gosto nacionalmente, no segundo capítulo serão analisadas algumas dessas apropriações.

Além dos meios de comunicação já expostos até aqui, como revistas de moda, rádio e televisão ditando comportamentos e roupas, outra forma de contato com o que era mais consumido no mundo se dava através dos picoenses que viajavam e que traziam na bagagem, além das histórias, novos repertórios comportamentais e de vestuário.

Algo comum nos picoenses era o contato que tinham com os grandes centros urbanos por conta das viagens que ocorriam por diversos fatores, os comerciantes precisavam ir para outros estados atrás de novidades; muitos cidadãos, sobretudo os que moravam em áreas afastadas da cidade em busca de empregos iam principalmente para São Paulo tentar uma nova vida.

Como já foi dito anteriormente, muitos jovens iam morar em Teresina, Bahia, Ceará, Recife para continuar seus estudos, a partir daí começavam a se relacionar com outros espaços de vivências e praticar outros comportamentos. As mães das classes abastadas ao fazerem as visitas a seus filhos aproveitam para embelezar-se, comprando roupas luxuosas e indo aos

mais sofisticados salões; existiam pessoas que saiam de Picos pelo simples fato de querer se atualizar.

Estas pessoas conviviam com outros modos de vida e muitas delas traziam para o dia- a- dia picoense, onde era difundido rapidamente. No tocante as vestes, a vinda de parentes que moravam em grandes centros urbanos representava um momento oportuno para olharem e copiarem os modelos e tendências utilizados fora, por isso que o Réveillon se tornou o acontecimento social mais prestigiado e elegante da cidade. Quando o 3º BEC chegou em Picos no ano de 1969, mais tarde já na década de 1970, quando sua família esposas e filhas vieram, trouxeram modificação no vestuário, Oneide Rocha lembra⁵¹ que os mais velhos tradicionais escandalizaram- se quando viam as filhas de sargentos passeando pela cidade de shorts curtos, no início desse processo de mudança houve muita polêmica, até se entenderem que aquilo era fruto do meio em que viviam. Geralmente, estas jovens moravam em locais onde haviam praias, o que era propício ao uso do short, não tendo nada a ver com aspectos morais, mas comportamentais. As senhoras esposas também traziam modelos de roupas novas o que influenciou muito na mudança do vestuário.

⁵¹ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

2 A ELEGÂNCIA E O ESTAR NA MODA EM PICOS NA DÉCADA DE 1970

2.1 Moda e sociedade: Um percurso sobre a História da Moda no Brasil

Antes de falarmos propriamente sobre moda se faz necessário entender o que é beleza, o ideal estético, para isso nos apropriamos de dois estudos. O primeiro é um artigo de Daniel Chalhub ORicci¹, que se intitula “Mais que enxergam os olhos: uma breve introdução à estética na literatura”, apesar de seu estudo se enveredar pela literatura, onde afirma que esta e a estética sempre estiveram entrelaçadas, visto que um texto só é considerado literário quando consegue gerar formas de sensações no leitor, seja prazer ou qualquer outra emoção, ou seja um resultado estético. O autor demonstra isto dando luz ao que seria esse ideal estético.²

Segundo o autor, a palavra estética deriva do grego *aisthesis* e significa percepção ou sensação. Inicialmente o conceito primitivo sobre beleza estava associado à higiene, portanto, o que era limpo era por associação bom e desejável, tempos depois com os saberes humanos nos campos sociológicos, filosóficos, a estética passou a fazer parte do rol desses conhecimentos, analisando os elementos que compõe o belo, o que se verificou que a estética, a beleza em si, foi elevada a um patamar dependente de características subjetivas, sociais e culturais de quem quer que fosse o espectador do objeto a se avaliado e submetido a opinião estética.

O autor Daniel Chalhub ORicci reflete que no mundo grego a estética não tinha status de ciência autônoma, dividia seu quinhão com a lógica e a ética, o que ocorria era que esses três saberes objetivavam a tríade do bom, belo e verdadeiro, portanto, “a beleza enquanto essência seria alcançada somente quando identificada com o que era bom, onde somente se chegaria através dos valores morais”³. A Grécia, assim como o autor descreve, foi a maior difusora dos quesitos estéticos que o mundo Ocidental presenciou, sua historia mostra a veneração da forma física humana perfeita, onde desenvolviam habilidades para demonstrar e retratar a musculatura, poses, feições, a beleza as proporções anatomicamente corretas, para os filósofos gregos os objetos esteticamente desejáveis eram belos em si e por si mesmos.

Mas o autor observa que, mesmo ficando suas origens na Grécia, a filosofia estética encontrou oposições de campos como a sociologia e da literatura que argumentavam o

¹ ORICCI, Daniel Chalhub. Mais que enxergam os olhos: uma breve introdução à estética na literatura. Conhecimento pratico Literatura, São Paulo, edição n° 29, 2010, pag. 34- 38.

² Idem.

³ Idem, p.35.

entrelaço entre arte e sociedade, para isso o autor se apropria de alguns estudos, como o do pensador Raymond Williams onde este, afirma que não há um objeto estético único, mas formatos culturais derivados “desde fofocas e conversas ordinárias do quotidiano até as experiências que são definidas como arte por convenção”⁴. E de estudos como Denis Dutton, Immanuel Kant, Vitor Manuel e Jurgen Schmidhuber que criaram designações e classificações para a estética humana enquanto elemento literário.

Este último cientista Jurgen Schmidhuber, de acordo com os estudos de Daniel Chalhub ORicci, na década de 1990 apresentava uma teoria algorítmica sobre a Beleza que levava em conta o subjetivismo inerente ao observador postulando que dentre observações comparáveis por um único observador subjetivo, a estética mais agradável seria aquela que pudesse ser definida com a descrição mais resumida possível, ou seja, uma face humana agradável teria proporções que poderiam ser descritas com poucas peças de informações podendo ser apontado com um pensamento inspirado nos estudos de Leonardo da Vinci e Albrecht Durer do século XV⁵.

Assim, Daniel Chalhub ORicci⁶ afirma que a teoria de Jurgen Schmidhuber segrega o que é belo e o que é meramente interessante, ditando que esse interesse corresponderia ao primeiro derivativo da beleza percebida subjetivamente. Nesse estudo, é importante salientar que apesar de encaminhar pela literatura, o ideal estético proposto pelo autor engloba mais que conceituações de belo ou grotesco.

O estudo de Umberto Eco⁷ é relevante, pois a partir de imagens e textos seja da natureza, dos animais, flores, corpos humanos, astros, seja das relações matemáticas, luz, pedras preciosas, roupas, Deus e o diabo, passando pela Grécia Antiga até a atualidade, reconstrói as múltiplas ideias/concepções de beleza. A definição do termo belo se dá junto com gracioso, bonito ou sublime, maravilhoso, soberbo, entre outras expressões similares, são adjetivos que indicam algo que nos agrada, o que supõe que aquilo que é belo é igual aquilo que é bom. O autor diz que de fato em diversas épocas históricas criou-se essa concepção, nesse sentido, o seu pensamento vai de encontro com o estudo de Daniel Chalhub ORicci⁸.

Apesar da tendência de definir como bom aquilo que não somente nos agrada, mas que também gostaríamos de ter, ao falar de beleza fruímos de alguma coisa por aquilo que é independentemente de possuir ou não, para Umberto Eco “o sentido de beleza é diverso do

⁴ Idem, p.35.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ ECO, Umberto. Historia da beleza. Tradução Eliana Aguiar. 2ed. rio de janeiro: Record, 2010.

⁸ ORICCI, Daniel Chalhub. Op. Cit.

sentido do desejo”⁹, pois é belo alguma coisa que se nos pertencêssemos deixaria felizes, mas que continua ser se pertencer a outro alguém “estas formas de paixão, ciúme, desejo de possuir, inveja ou avidez, nada tem a ver com o sentimento de Belo”¹⁰

O autor, atravessando os séculos, busca identificar casos em que uma determinada cultura ou época histórica reconheceu que existem coisas que se mostram agradáveis a contemplação, independente do desejo que se tem delas, assim, Umberto Eco¹¹ não parte de uma ideia preconcebida de beleza, passa em revista as coisas que os seres humanos consideram no curso dos milênios como belo, e essa também é a premissa básica do nosso estudo.

O ensaio de Umberto Eco¹² se ocupa apenas da beleza na cultura ocidental por contas das fontes, algumas culturas, como a indiana e chinesa, apesar de ricas de textos poéticos e filosóficos, seria difícil, segundo o autor, estabelecer até que ponto poderia ser identificado com a ocidental. Apoiando-se em grandes obras de arte e documento de escasso valor estético, mas que foi imprescindível para ajudar a compreender qual era, em determinado momento, este ideal de beleza ocidental.

O autor é enfático ao dizer que aquilo que é considerado belo depende da época e da cultura inserida, sendo possível perceber que além das diversas concepções da Beleza, existam ainda algumas regras únicas para todos os povos em todos os séculos. Parte do princípio de beleza, algo jamais pode ser considerado obsoleto e imutável, mas assumiu faces diversas segundo o período histórico e o país, e isso não apenas na parte física do homem, da mulher, da paisagem, mas referente também ao Deus dos santos, ou das ideias.¹³

Umberto Eco¹⁴ aponta que em um mesmo período histórico imagens de pintores e escultores celebram um determinado modelo de Beleza enquanto a literatura celebrava um outro, daí, conclui-se que os diferentes modelos de representar o belo coexistem em uma mesma época e outros se remetem mutuamente através de épocas diferentes. Essas diferentes ideias retornam e se desenvolvem talvez de formas variadas, nas obras de filósofos, escritores, artistas por vezes muito distantes entre si.

O nosso interesse no estudo desse autor é a referência que faz à ideia de beleza que domina o século XX, assim Umberto Eco reporta que na primeira metade do século XX até os anos 1960 ocorreu uma luta entre a beleza da provocação e a beleza do consumo, uma

⁹ ECO, Umberto. Op. Cit., pag. 10.

¹⁰ Idem, p. 10.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

contradição típica do século XX. Segundo este intelectual, a beleza da provocação é aquela proposta pelos movimentos de vanguarda e pelo experimentalismo artístico: futurismo, cubismo, surrealismo:

A arte das vanguardas não coloca o problema da Beleza. Subentende-se como estabelecido que as novas imagens são artisticamente belas [...] porque a provocação vanguardista viola todos os cânones estéticos respeitados até este momento. A arte já não se propõe a fornecer uma imagem da Beleza natural nem quer proporcionar o pacificado prazer da contemplação de formas harmônicas. Ao contrário, deseja ensinar a interpretar o mundo com olhos diversos, a usufruir do retorno a modelos arcaicos ou exóticos, ao universo do sonho ou da fantasia dos doentes mentais, as visões sugeridas pela droga, a descoberta da matéria, a reposição desvairada de objetos de uso em contextos improváveis, as pulsões do inconsciente.¹⁵

Esta corrente de arte contemporânea recuperou a ideia de harmonia geométrica da época das estéticas da proporção, o autor diz que inspirados no *Art Nouveau* são os quadros do super-homem, a urbanística de outros mundos, e bastava seguir Mickey e Minnie dos anos 1930 à 1950 para ver como o desenho se adequa ao desenvolvimento da sensibilidade estética dominante. Para Umberto Eco, os ideais de Beleza propostos pelo consumo comercial, aqueles contra os quais a arte das vanguardas lutou por tanto tempo, são aqueles que:

Visitam uma exposição de arte de vanguarda, que compram uma escultura incompreensível ou que participam de um happening vestem-se e penteiam-se segundo os cânones da moda, usam jeans ou roupas assinadas, maquiagem segundo o modelo da Beleza proposto pelas revistas de capas cintilantes, pelo cinema, pela televisão, ou seja, pelo mass media.¹⁶

O autor ainda discorre sobre o modelo proposto pelo *mass media* afirma que o século é atravessado por uma dupla cesura, a primeira é entre o modelo e modelo, aborda alguns exemplos, como:

O cinema propõe nos mesmos anos o modelo da mulher fatal personalizada por Greta Garbo e por Rita Hayworth e aquela mocinha da casa do lado, personalizado por Claudette Colbert ou por Doris Day. Oferece como herói do Oeste o maciço e virilíssimo John Wayne e o manuseio e vagamente feminino Dustin Hoffman [...] a moda oferece roupas femininas suntuosas, como o que vemos desfilar em Roberta, e ao mesmo tempo os modelos andrógenos de Coco Chanel. Os mass media são totalmente democrático,

¹⁵ Idem, p. 415- 416.

¹⁶ Idem, p. 418.

oferecem um modelo de beleza para quem já é dotada de graça aristocrática e outro para a proletária de formas opulentas [...]¹⁷

Recuperando-se as experiências da vanguarda e, ao mesmo tempo, oferecendo modelos dos anos 1920, 1930, 1940, 1950, os meios de comunicação vão repropor uma iconografia oitocentista e não poderão distinguir o ideal estético difundido pelo *mass media* do século XX. Abordado o ideal de Beleza estético do século XX passaremos entender a moda, e sua historia no Brasil.

Gilda Chataignier¹⁸ descreve o desenho da moda brasilis, desde o descobrimento do país, passando pelo século XVII, XVIII, XIX, XX até chegar ao XXI. Apesar de ser importante toda a trajetória que a autora percorre, resolvemos detalhar de forma mais efetiva o momento que interessa para o nosso estudo, a década de 1970. O clima de efervescência vivido no final dos anos 1960 chegou também na moda, influenciando em expressivas modificações nos trajes e nos seus modos de usar. A autora chama esse momento de singular na historia da humanidade, pois deixou rastro de originalidade e renovação, era contagiante, e a moda vestia-se com cores vivas propicia a época revolucionaria e as correntes artísticas, o multicolorido do psicodelismo, e a *pop art* imagens em preto e branco recorrentes nas artes plásticas foram triunfantes, a moda usou e abusou dessas correntes.

No que se refere à moda, não aceitavam os *tailleurs*, suas características rebeldes se estampavam nos modos de vestir e pentear “foi à vez do *jeans*, da camisa Lacoste [...] das jardineiras, dos vestidinhos floridos, das geometrias e do biquíni casto e de tecido de algodão”¹⁹. Abria-se um novo mercado da moda, por muito tempo dominava o modelo da alta-costura, contudo, houve o surgimento do *prêt-à-port*, ou melhor, o pronto para usar, que radicalizou a moda cuja imagem central girava em torno da juventude. Gilda Chataignier descreve que as peças dessa década eram livres, leves e soltas, o que não se via desde a década de 1920, o acontecimento marcante dessa época foi a criação da minissaia, que representava um estética arrojada e revolucionaria em relação aos moldes da época. A autora percebe que a música foi a maior musa da moda, sons emergentes de Londres, jovens dançavam, as mulheres queriam liberdade para dançar já que eram impedidas pelas roupas dos anos 1950, “foi então que Mary Quant teve a ideia brilhante de levantar as bainhas das saias e criar roupas feitas para dançar [...] a subida da saia teve seu auge em 1965 e, mais ainda, no inicio da década de 1970”²⁰

¹⁷ Idem, p. 425.

¹⁸ CHANTAGNER, Gilda. Historia da moda no Brasil. São Paulo: estação das Letras e Cores, 2010.

¹⁹ Idem. p. 142.

²⁰ Idem, p.142.

No Brasil, Gilda Chataignier²¹ afirma que recebeu com entusiasmo essa nova moda visto que fatores como o clima, a luminosidade e um quê hedonista eram propícios a esse figurino. A moda focaliza Paris, Londres que focalizava o *look* jovem, muito embora o estilo clássico que dominou boa parte do século XX ditasse regras, no Brasil. A autora percebe que existiam dois estilos, a moda clássica rejuvenescida onde a forma básica e geométrica do *tailleur* era bem estruturado e a moda jovem com vestidos minúsculos com forma de trapézio de crepe grosso ou vinil brilhante, as jardineiras, macacões, macaquinhos, o *babylook*, vestido curto com corte sob o busto, assim “brasileiras de duas gerações dividiam ambos os estilos, o que de certa forma, proporcionava a expansão da moda”²².

No início dos anos 1970 os modelos hippies, com vestidos floridos ou com estampas indianas, meias-calças coloridas, lisas ou com desenhos rendados, tricôs listrados, mistura de shorts com calções, bermudas tipo colonizador europeu e a maxissaia que tentou destruir a minissaia compunham uma maior novidade.

O projeto dos jovens de mudar o mundo através da transformação política parecia inviável, já que entravam em choque com a realidade do sistema poderoso, assim, as energias da juventude passaram por frustrações e desilusões, então, nesse momento, começaram a se dirigir a alvos mais sensíveis como “o autoconhecimento, o misticismo, os costumes orientais, a busca do prazer, enfim, todos os temas que compunham o ideário de paz e amor do hippies”²³ esse slogan se referia a guerra do Vietnã que acabou mobilizando mundialmente a população. A influência deste aspecto sobre a moda é que as camisetas tornaram-se panfletos com as estampas camufladas e no Rio de Janeiro as vitrines de Ipanema exploraram esse estilo com espaços coloridas.

Na década de 1970, segundo as leituras de Gilda Chataignier, a criação e leitura da moda trouxeram inovações no visual, havia desprezo da sociedade em relação à indústria massificada da moda pronta-para-usar, o que muitos consideravam que este aspecto acabava representando a falta de identidade para os usuários. Nesse contexto, surgiu o estilo retrô “voltado para modas passadas e sem datas específicas, permitindo liberdade de expressão no vestir”²⁴ A estética anticonvencional que desenhou os anos setenta buscou inspiração no modismo criado na Inglaterra pelos jovens que trabalhavam como *Office boy* de classe média baixa, com jeans rasgados e detalhes metálicos como as tachas e correntes e o estilo punk rasgado e sujo com químicas de lavadeiras, anunciavam o desapontamento social

²¹ Idem.

²² Idem, p. 143.

²³ Idem, p. 147

²⁴ CHANTAIGNER, Gilda. Op. Cit, pag. 148.

interpretado através das roupas, moda que representava criatividade “Camponesas, ciganas, marinheiras, odaliscas e japonesas, entre outras, ilustraram a década na qual o novo brotava a todo o momento fazendo com que a fantasia e realidade caminhassem juntas”²⁵

Os movimentos igualitários começaram a ser muito debatidos na década de 1970, os negros passaram a ter mais reconhecimento social e seus estilos ancestrais entraram na moda “penteados afros, colares de contas enroscadas, estampas tribais, cores fortes e estampas *tié-dye*”²⁶. O feminismo com sua ideologia que propunha a queima dos sutiãs, apontava a partir de uma ação contra uma peça do vestuário o caráter simbólico de proclamação das igualdades dos gêneros, aspecto que viraria moda e em boa parte das cidades brasileiras muitas mulheres deixaram de usar sutiã. Esta década é definida por Gilda Chataignier como exótica, o estilo indiano moldado nos Beatles surgiu através de sáris, túnicas, maquilagem e cores vivas, o jeans ia “do intelectual ao operário, da dondoca à cocota”²⁷ esta peça tornou-se a maior força de contestação e alienação; o estilo unissex, andrógenu uniu ele e ela pelas ideologias e trajés, houve trocas no vestuário, ele experimentou camisas rosadas e cabelos compridos e ela adotou calças, coletes e gravatas.²⁸

Os principais modismos apresentados por Gilda Chataignier nos anos 1970 são: os cabelos longos e cacheados ou afros; sandálias plataformas de madeira ou cortiça; moda fantasia - estilo hippie, cigana, indiana, camponesa, marinheira, japonesa dentre outras; moda novela, onde os figurinos das atrizes viraram moda e as mulheres brincavam de personagens; guerra no comprimento das saias mini, mídia e maxi; clássicos reativados *tailleurs* com *risca-de-giz* e *chemisier*, saia Chanel; algumas novidades como as pantalonas noturnas, vestidos longos, bermudas largas etc.; tecidos como Jersey, chita estampada, linho, cambraia, crepe indiano, bandagem, juta, chiffon, musselina, lurex etc.; as estampas com flores pequenas e medias, listras, pauás sobre fundo colorido, orientais como cashemere, florais havaianos dentre outros.²⁹

Apontado o ideal de beleza pelos autores bem como à moda do Brasil nos anos de 1970, partiremos agora para o nosso objeto de estudo, a cidade de Picos, que embasados nessas propostas bibliográficas, trataremos de discutir o ideal de beleza que vigorava nos concursos da cidade, para depois analisarmos as roupas da moda.

²⁵ Idem, p. 148.

²⁶ Idem, p.150.

²⁷ Idem, p. 150.

²⁸ Idem.

²⁹ CHANTAIGNER, Gilda. Op. Cit.

2.2 Os Concursos de Elegância

Marina Bersa e Renata Cruz³⁰ refletem que desde que o mundo é mundo há uma espécie de simbologias em torno das mulheres bonitas, que são escolhidas como símbolos de virtude, sorte e amor. A ideia de ganhar dinheiro com isso, de acordo com as autoras, vai surgir no final do século XIX, em Paris, quando houve uma popularização da fotografia que publicou fotos de rostos para elegerem a mais bela francesa, mais tarde, em 1952, uma fábrica de roupas de banho, chamada Catalina, foi mais além, criou em Long Beach Califórnia, um concurso de mulheres de maiô, depois a Universal Studios investiu nessa proposta conquistando um grande público e o evento ganhou o nome de Miss Universe. A partir daí, a década de 1950 acabou por acontecer uma verdadeira moda de concursos.

Existiam vários discursos em torno da moda dos concursos, como nos indica o estudo da Luciana Pereira³¹. Primeiramente a Igreja Católica não aceitava, pois via como um desagregamento das famílias católicas ao expor o corpo das moças. Em Teresina, na década de 1950, a partir de uma legião coordenada por clérigos e alguns fiéis, a autora argumenta que estes exerciam a função de repressores dos maus costumes, assim censurava as manifestações culturais que atentassem ou que eram contra a ordem social estabelecida pela religião, exemplo interessante foi a reação de muitos às modernidades mundanas veiculada através dos cinemas, radiodifusão, imprensa, nudismos e nesse sentido, os concursos de beleza também estavam presentes.³²

Marina Bersa e Renata Cruz apontam que esses concursos de beleza passaram a ser vistos como uma oportunidade para tirar garotas do anonimato, daquele mundo privado, pois vencer um concurso era uma forma concreta de ocupar um lugar de destaque na vida pública. Diante disso, a Igreja que condenava os desfiles porque mostravam os corpos, passou a aceitar, visto que se destacando socialmente essas mulheres casavam bem, sua beleza estética ajudava em questões sociais como casamento, tão defendido pela Igreja Católica.³³³⁴

³⁰ BERSA, Marina. CRUZ, Renata. *O mundo secreto dos concursos de beleza*. Super Interessante. 254, julho de 2008.

³¹ PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em tempos mundanos: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960)*. Teresina, 2008.

³² Idem.

³³ BERSA, Marina. CRUZ, Renata. Op. Cit.

³⁴ Esse discurso foi apresentado na Minissérie *Hilda Furacão*, a primeira cena passa um concurso na qual Hilda Muller é escolhida, ganhando status através da sua beleza e arranhou um casamento com um rapaz de uma renomada família, muito embora o que se tenha retratado foi o abandono de toda estética conseguida por Hilda, pois desistiu do seu casamento pronto as vésperas e foi morar em um prostíbulo.

Já no final da década de 1960, vigorando com maior força nos anos de 1970, como afirma Marina Bersa e Renata Cruz³⁵ inicia outro discurso em torno dos concursos, as feministas vão bater de frente e protestar contra esses eventos, a versão delas é que os concursos de beleza são vulgares ao expor a mulher de forma humilhante, denegrindo a sua imagem, para essas feministas a mulher estavam muito além disso. Esse discurso contribuiu para diminuição significativa de concursos de beleza, e quando aconteciam começam a apontar outros aspectos da mulher, como exemplo, passaria a vigorar a norma de que só participariam universitárias ou aquelas que frequentassem algum curso Normal, tudo isso para afirmar que não são meros artefatos superficiais, mas que estavam relacionadas a uma questão intelectual.

Mas o que se percebe é que essa moda de concursos chegou também à cidade de Picos, de acordo com o que analisamos a partir das pesquisas nas décadas de 1950, 1960 e 1970, a sociedade local dava importância aos concursos de beleza. O que se percebeu é que a articulação das mulheres com a moda se refletiu em vários momentos e esses eventos representavam um deles, moldavam comportamentos relacionados ao caráter da moda; assim várias instituições, associações, repartições privadas, pessoas, promoviam esses concursos por diversos motivos, seja para atrair a população para os lugares e promover divertimento, seja por fim lucrativo destinado a algo, seja por simplesmente gostar e desejar movimentar a pacata cidade. Sempre ocorriam esses concursos, os mais comuns eram: os da Rainha Estudantil onde algumas jovens eram escolhidas em algumas escolas para disputas nos clubes, Rainha do Algodão que envolvia a macrorregião picoense, estas candidatas deviam se apresentar com roupas de algodão; Rainha do Alho, que deviam se apresentar com algum adereço ou mesmo acessório contendo alho, dentre outros. A presente pesquisa encontrou várias fotografias de desfiles, porém muitos sem datas e até mesmo sem nomes de vencedoras do prêmio dificultando assim análise dos dados.

O senhor Albano³⁶ cedeu muitas imagens para pesquisa, estas fazem parte do acervo de fotografias do Museu de Picos. A foto 8 é a de uma Miss Piauí que, faz pensar ser da década de 1950, pois o ideal de beleza eram pernas grossas e cintura fina. Seu traje de maiô, ressalta o quadril largo e marca a estrutura do corpo. No momento da fotografia percebe-se que já tinha sido eleita, pois desfilava com coroa e acessórios: como cetro e capuz, utilizados por Rainhas, mostrando o charme e postura que uma miss deveria ter, não olha diretamente para foto, atrás se percebe a população que observava.

³⁵ BERSA, Marina. CRUZ, Renata. Op. Cit.

³⁶ Irmão do fundador do Museu Ozildo Albano, que depois de sua morte se dedica ao cuidado do Museu.



Fotografia 08: Sem nome e sem data.

Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.

Em conversa com o senhor Albano³⁷ este nos revela que o maior evento social que a cidade de Picos já presenciou foi à festa do Centenário. Neste acontecimento, de acordo revista Centenário de Vila que data de 1955, houve eleição para escolha da Rainha e duas princesas do Centenário, as quais foram eleitas por maioria de votos populares, entre as demais candidatas, respectivamente são: a senhorita Maria Cecy de Campos Moura, Maria do Carmo Portela Cardoso e Francisca de Barros Moura. A foto 09 é da Cecy Campos, senhora que já mencionamos anteriormente no trabalho, foi tirada em sua residência antes da saída para o desfile, usou um vestido com amplas pregas que ia até o tornozelo, propício para

³⁷ Conversa realizada 16 de março de 2013.

volteios nos salões, apertado na cintura, pouco decote, luvas nas mãos, xale transparente, sapato dourado favorecendo ainda mais sua elegância e assim sua escolha.



Fotografia 09: Cecy Campos.
Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano. 1955

A foto 10 é o momento que Francisca de Barros Moura se apresenta na passarela desfilando, vestido em duas cores, marcando bem a cintura, tomara que caia, com um xale que além de tampar um pouco o colo, era muito comum usar em concursos, assim como também as luvas que iam até o cotovelo, davam uma elegância maior. A vencedora de uma das Princesas foi logo depois Miss Teresina, tomamos conhecimento que assim como aconteciam com as misses, como Marina Bersa e Renata Cruz³⁸ abordaram no seu estudo, Francisca de Barros Moura conseguiu uma ascensão social ao ir para outros lugares e ganhar concursos,

³⁸ BERSA, Marina. CRUZ. Renata. Op. Cit.

arranjou vários pretendentes e conseguiu o que era considerado na época como um bom casamento.



Fotografia 10: Francisca de Barros Moura.
Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano. 1955.

A Revista Centenário³⁹ nos informa que depois da coroação da Rainha e aclamação das Princesas, ocorreu um baile oficial propício ao uso de vestes luxuosas, os presentes exibiam vestes requintadas a revista afirma, ainda, que compareceu ao evento que chamou de “mais seleta da sociedade”⁴⁰, tendo em vista que estavam presentes pessoas de posses e autoridades da cidade, que contaram com finas e diversificadas bebidas e quitutes.

Após essas solenidades, cerca de 22 horas, teve início o grande baile que se prolongou até alta da madrugada. Ao mesmo compareceu o que havia de mais seleta na Sociedade, como dentre os demais visitantes, gentis senhoritas, distintas senhoras, cavalheiros elegantes, exibindo todos a mais rica indumentária, enchendo de beleza e graça singular, os vastos Salões do Clube, causando excelente impressão do elevado

³⁹ Revista FOCO ed. comemorativa (Centenario de Picos)

⁴⁰Idem.

requite social picoense, a quantos experimentarem o prazer de assistir a essas festividades.⁴¹

A foto 11 foi um desfile realizado no Picoense Clube, sem nome e data, contudo o traje da miss faz pensar ser da década de 1970, por causa das plumas nas mangas e parte baixa do vestido, o que era muito comum ser usado nessa época. O senhor Albano⁴² lembra que no momento da apresentação alguém da plateia gritou “oh mulher bonita e eu com um jacaré em casa”⁴³ todos envoltos ao salão sorriram de tal afirmação, e, até mesmo, a garota desconcentrou-se e tropeçou na passarela.



Fotografia 11: Sem nome e data.
Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.

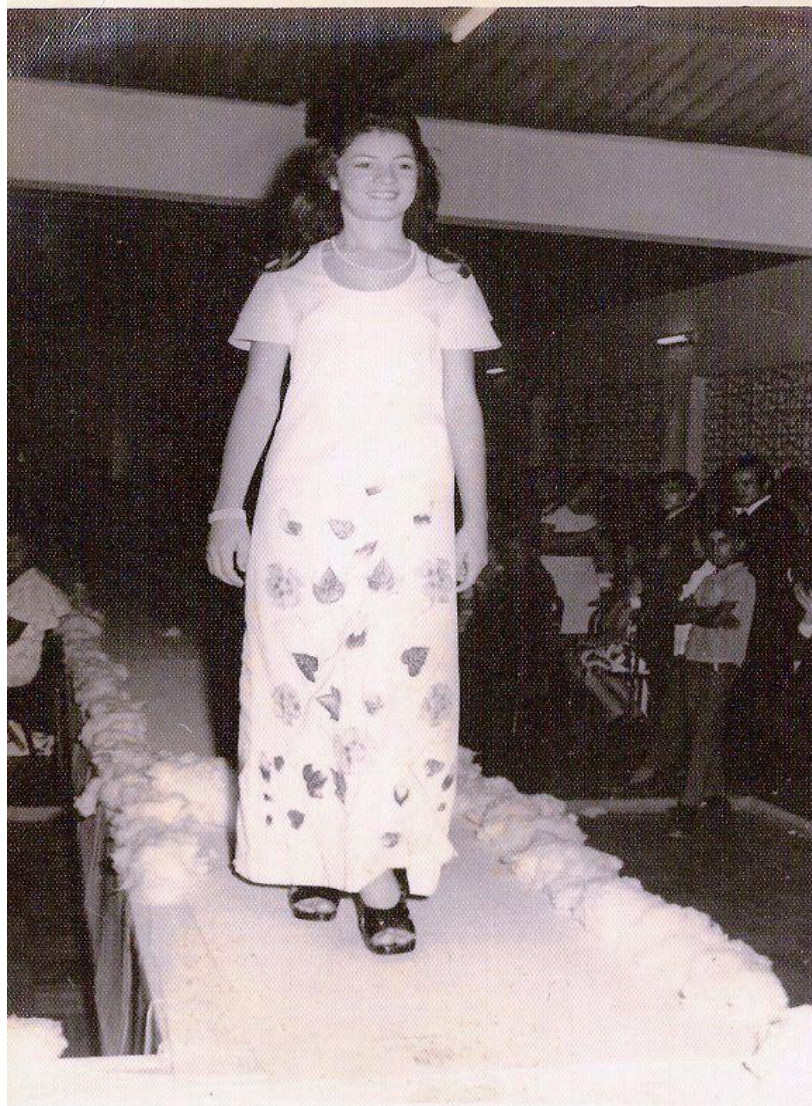
A foto 12 data de 1971, no Picoense Clube, é um desfile para concorrer a Miss Algodão, promovido pela ANCAR-PI, onde havia participantes da macrorregião picoense, no

⁴¹ Idem. p. 12

⁴² Conversa realizada em 16 de março de 2013.

⁴³ Conversa realizada em 16 de março de 2013. Trecho da conversa.

registro é o momento do desfile de Maria das Graças Nunes Santos, que usava um colar de pérolas e vestido longo estampado de algodão com flores na parte de baixo, a sua sandália com salto grosso, parece muito com o modelo das plataformas hippies. O palco montado para desfile estava repleto de algodão, evidenciando o nome do concurso, já que na década Picos e macrorregião era grande produtora de algodão.



Fotografia 12: Maria das Graças Nunes Santos.

Fonte: Acervo Varão foto de Maria das Graças Nunes Santos. 1971.

O que se percebe, com as fotografias que datam entre os anos de 1950, 1960 e 1970, é que na cidade de Picos os concursos que existiam quase não foram vistos garotas desfilando com maiô ou algum traje desnudo, as fotos mostram que as candidatas apareciam geralmente de vestidos longos, o que nos faz pensar na existência de um pudor, que a sociedade imprimia recusando o desnudamento dos corpos. Esses concursos de beleza nos servem para mapear o

ideal de beleza feminino da década de 1970 na cidade de Picos, como Peixoto⁴⁴ aborda esse ideal constrói-se ao longo do tempo de acordo com o meio sociocultural inserido, incutido durante o processo de socialização.

2.2.1 Concurso de beleza realizado pela AABB

A Associação Atlética Banco do Brasil- AABB juntamente com quatro escolas de Picos, a Unidade Escolar Marcos Parente, o Instituto Monsenhor Hipólito, a Escola Normal Oficial de Picos e o Colégio Comercial de Picos realizaram, em 1974, um desfile onde foi escolhida uma garota, das respectivas escolas, para eleição da Miss Estação do ano. Foi um evento social que buscava a interação e divertimento para a população picoense e que contou com a participação de professores, diretores, alunos, famílias e autoridades políticas, o desfile foi realizado no Clube da AABB com a animação da Banda *Os Rebeldes*.

Foi sorteada, pelos organizadores, qual escola ficaria com o figurino a ser apresentado no desfile, a representante da Unidade Escolar Marcos Parente, Norma Sueli trajou-se de Primavera, a do Instituto Monsenhor Hipólito, Wilsônia desfilou de outono, a Escola Normal Oficial de Picos, Fátima de Lima exibiu-se de verão e, Francimar Brito, do Colégio Comercial de Picos foi de inverno. No palco montado para o desfile Odorico Carvalho anunciava a miss a entrar e assim começava a cantar a música de Tim Maia Primavera, que fala das quatro estações do ano, recordada pela memória da nossa entrevistada Oneide Rocha⁴⁵, na época diretora interina do Marcos Parente, e uma das representantes do corpo de jurados:

Parece que eu to vendo (pausa) quando o inverno chegar eu quero estar junto a ti, pode o outono voltar eu quero estar junto a ti (cantando), ate a música foi própria, foi lindo (pausa) porque é primavera te amo, meu amor trago esta rosa para te dar, trago esta rosa, meu amor, hoje o céu ta tao lindo sai chuva.⁴⁶

As escolas ficaram responsáveis pela escolha da garota que iriam representá-la, a organização do evento escolheu a temática As Estações do Ano. As candidatas dos colégios eram patrocinadas por lojas famosas picoenses, rivais entre si, que custeavam os tecidos para confecções de roupas, os sapatos e pagavam o cabelo e as maquiagens, para isso as misses

⁴⁴ PEIXOTO, Ana Filipa. O olhar da psicologia: ideal de beleza feminino. Disponível em: <http://psicob.blogspot.com.br/2008/05/ideal-de-beleza-feminino.html>. Acesso em: 01 abril 2013.

⁴⁵ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁴⁶ Idem.

além da responsabilidade de representar seus colégios, representavam também essas casas comerciais. Francimar Brito nos informa em depoimento que foi patrocinada pelo Armazém Narciso, as demais foram procuradas para entrevista, porém não foram localizadas visto que duas não moram mais em Picos e a outra não foi encontrada.

O corpo de jurado composto por Oneide Rocha, Dorinha Xavier, o professor do Batalhão Loyola, Dona Olívia, alguns professores e diretores elegeram a ganhadora a partir de requisitos como beleza, elegância, fantasia, simpatia, escolhendo a miss Primavera, coroada como Rainha das Estações. A foto 13 representa o momento do desfile, o arranjo que levava em suas mãos demonstrava o desabrochar das flores da primavera, sua postura, expressão facial, olhar e sorriso condiz como deveria portar uma miss, não deveria olhar diretamente para as câmeras, sua roupa demonstrava algo para o dia, ao usar uma saia curta e blusa de manga com decote reto. Oneide Rocha recorda que no momento de sua entrada ficou a observar e chamou o colega do lado e comentou “eita menina linda”, ai já sabia que iria ganhar.



Fotografia 13: Norma Sueli.
Fonte: Arquivo pessoal de Oneide Rocha. 1974.

Na foto 14 a representante do inverno, Francimar Brito, apesar de não conseguimos visualizar à cor da roupa, era vermelha, apresentava um casaco de lã e saia, com modelo reto e bem estruturado, nada de uma produção casual, sua mão no bolso dava chiqueza ao seu look. A garota outono, Wilsônia visto o fator temperatura, combinou jaqueta com saia até joelho e bota cano longo, deixando seu modelito proporcional a estação do ano que representava. Apresentou-se com um chapéu e uma cesta de fruta propício aos passeios. Fátima de Lima, a garota verão ousou para a década, ao demonstrar a opção pela praia, com biquíni usou uma calcinha larga, o sutiã cobria os seios, suavizou o figurino ao usar uma saída de banho transparente de manga longa, destacamos que a plataforma e o chapéu estavam em vigor na época.



Fotografia 14: Francimar Brito, Wilsônia, Fátima Lima e Norma Sueli.
Fonte: Arquivo pessoal de Oneide Rocha. 1974.

Nesse concurso apareceram belezas bem distintas, mas a o ideal de beleza que prevaleceu foi a da construção social da época, que serviu como modelo de identificação que outras jovens pretendiam ter, um corpo não muito alto com proporções exatas, cabelos medianos.

2.2.2 Certame: as dez mais

Na década de 1970, especificamente em 1973, o Clube de Casais da época promoveu uma disputa para escolha das 10 mulheres mais elegantes da cidade de Picos. A respeito da organização do evento a pesquisa não teve acesso a ninguém que participou da mesma, de

acordo com Maria do Socorro Araújo do Rego Melo⁴⁷ os procedimentos para realização desse evento teve caráter popular, pois foram feitos por meio de cartas que eram enviadas, distribuídas para várias famílias picoenses, para que pudessem indicar, escrevendo nas dez linhas propostas os nomes das 10 mulheres mais elegantes de Picos, os critérios para votação se relacionavam, sobretudo, à beleza e comportamento, não somente a maneira de vestir-se, mas também aos modos.

O evento social para entrega da premiação foi realizado na AABB, não foi restrito a uma pequena parcela da população, pelo contrário, a sociedade picoense compareceu em massa, por ter sido o primeiro, aspecto que se repetiu nos anos posteriores, gerando na população uma ansiedade, expectativa em torno das vencedoras.

A festa, segundo a entrevistada Maria do Socorro Araújo do Rego Melo⁴⁸, foi glamourosa e badalada, ocorrendo comentário até mesmo muito tempo depois. A sociedade preocupou-se, sobretudo, com os trajes que exigiam requinte, fineza e elegância, esta foi outra disputa realizada entre os indivíduos.

Maria do Socorro Araújo do Rego Melo conta que foi um evento muito bem planejado, organizado e formalizado. No começo da festa, e durante seu decorrer até a premiação, a organização do evento, não permitiu que fossem divulgadas a ordem de classificação das candidatas, então foi constantemente anunciado que a chamada seria por ordem alfabética evitando constrangimentos. No cerimonial para entrega do Troféu Elegância, as mulheres convocadas subiam no palco e timidamente desfilavam esbanjando luxo sob aplausos e olhares dos envoltos. Os trajes foram de gala, as senhoras usavam vestidos longos, sapatos e bolsas, a nossa entrevistada afirma que essas mulheres exibiam-se com muito luxo e requinte, e seus acessórios e vestidos foram todos encomendados por Brasil fora. A foto 15 mostram algumas representantes das dez mais elegantes, todas trajando o vestido longo, com bolsas e diploma de belas nas mãos.

⁴⁷ MELO, Maria do Socorro Araújo do Rego. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁴⁸ Idem.



Fotografia 15: Cristino Varão, Nuní Moura, sem nome, Dona Regina, Luís Melo, Maria do Socorro Araújo do Rego Melo, Evilásio Holanda e Inês Santos.

Fonte: Acervo Cristina Varão. 1973.

Ao saber da sua escolha Maria do Socorro Araújo do Rego Melo⁴⁹ nos conta que assim como as demais escolhidas tomou as providências necessárias e logo foi a Salvador comprar os tecidos, acessórios para a festa da premiação, seu vestido foi confeccionado pela sua irmã que era modista, as cores eram bege com caramelo, usou também uma peruca e nos diz que era algo muito comum entre as *socialites* picoenses.

A entrevistada Maria do Socorro Araújo do Rego Melo⁵⁰ lembra-se de alguns nomes das mulheres elegantes, como Dona Nuní Moura, Inês Santos, Valdélia Neiva, Leda Luz, Dona Regina, Andeli que era esposa do subcomandante do 3º BEC, as demais não foram recordadas pela nossa entrevistada, pois afirma que eram pessoas de fora, mas que na época estavam na cidade, eram esposas de bancários e de capitães ou sargentos do BEC, que logo depois foram embora da cidade. Outras vezes a população picoense se agitou com disputas de beleza, o que percebe-se é que existiam uma preocupação em torno da imagem, pois nos diversos lugares frequentados apresentavam-se com grande ostentação, como veremos no próximo tópico.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

2.3 As imagens da moda- análise das roupas da moda

É através do vestuário que os indivíduos se mostram no mundo, expressando sua subjetividade perante os demais, este tópico propõe uma análise da linguagem visual do vestuário mediante as imagens fotográficas. Ana Maria Mauad⁵¹ aborda que a fotografia é importante não somente por remeter passado, mas principalmente por trazer uma mensagem desse passado, que se processa através do tempo, revelando com riquezas de detalhes diversos aspectos, entre eles a indumentária. Nesse sentido, o nosso interesse nesse estudo, ultrapassa uma avaliação da fotografia como mera ilustração.

A autora faz uma relação entre história, memória e imagens, segundo esta a “história oral e iconografia complementam-se nos estudos sobre memórias coletivas”⁵². Analisar as fotografias é mais eficiente quando há um testemunho do participante envolvido, pois esse suporte de memória aguça a lembrança enriquecendo assim os testemunhos orais. Mauad apropria-se de Pierre Nora onde este diz que a memória é vida, onde indivíduos carregam consigo, estando aberta à dialética da lembrança, mas também do esquecimento⁵³.

O relato oral serve como apoio a interpretação de fotografias, entretanto não pode ser colocado em plano secundário em relação à imagem, já que ambos possuem uma realidade autônoma e complementar. O discurso de imagético e oral são portadores de memória que se tornam história e a participação do historiador nesse processo será fruto de outras reflexões. Olhar fotografias é passear pela memória, por tanto, a fotografia marca “uma pose, um olhar, um detalhe, muito a recordar e textos a decifrar”⁵⁴. Para saber como analisar fotografias nos embasamos no texto do Ulpiano Meneses⁵⁵ que faz uma análise minuciosa de uma imagem propaganda de fogão a gás.⁵⁶

Como já mencionamos antes, existiam em Picos, na década de 1970, espaços de sociabilidades onde indivíduos exibiam suas roupas com os mais variados estilos e gostos. Até então o acesso as revistas eram muito precários, estas chegavam com certo atraso e restringiam-se as classes mais abastadas, algumas pessoas tinha que esperar alguém viajar

⁵¹ ANDRADE, Ana Maria Mauad de S. Através da imagem: fotografia e história interfaces. Revista Tempo, Rio de Janeiro: UFF, v. 1, n. 2, 1996.

⁵² ANDRADE, Ana Maria Mauad de S. Op. Cit., pag. 311.

⁵³ NORA apud. ANDRADE Op. Cit.

⁵⁴ ANDRADE, Ana Maria Mauad de S. Op. Cit., pag. 319.

⁵⁵ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O fogão da société anonyme du gaz. Sugestões para uma leitura histórica de imagem publicitária. Projeto História. História e Imagem. *Revista do Programa de Estudos de Pós-graduandos em História e do Departamento de História*, PUC-SP, São Paulo, n.21, p.105-119, novembro 2000.

⁵⁶ O objetivo no texto do Ulpiano Meneses tem caráter metodológico já que propõe um exercício de leitura de um documento visual, chamando atenção para a necessidade de ler imagens. MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Op. Cit.

para solicitar alguns exemplares. Olivia Rufino⁵⁷ lembra que a cópia de modelos era muito comum. Certa vez, sua colega Anízia Moura foi à Teresina e trouxe um modelo de vestido, todas as mulheres da cidade olharam e copiaram o modelito.

Nesse contexto de sociedade, onde a mimética era o meio para se vestir às costureiras desempenhavam um importante papel, visto que a confecções de roupas prontas quase inexistia. As costureiras deviam ser muito criativas, sobre este aspecto Fátima Sá⁵⁸ nos conta que sua mãe, conhecida por Léo, era uma modista muito criativa e tudo que via de novo já queria fazer, e fazia igual “bastava ver uma única vez que já se interessava e ia criar as coisa”⁵⁹ conta ainda que de tudo um pouco sua mãe fazia “se fosse uma noiva, ela fazia uma noiva perfeita, se morresse alguém ela fazia uma mortalha para o defunto”⁶⁰. Como vimos no testemunho de Fátima Sá, as costureiras eram importantes não apenas ao construir vestimentas colocando sua criatividade, davam também uma nova significação à moda na sociedade.

Apesar de todo o atraso e dificuldade, aspectos que compunham a moda chegavam à cidade, os picoenses não deixavam de exibirem-se nos lugares de forma luxuosa e requintada, segundo lembram alguns entrevistados. Se comparados aos estudos de Gilda Chantaigner, a moda picoense e a moda do Brasil e da França andavam juntas. Na cidade de Picos, na década de 1970, acabou por existir os dois estilos que a autora faz referencia: o clássico e o hippie, que por vezes andavam isolados, mas que também se misturavam em um único indivíduo. A moda picoense abusava de muitas cores, era alegre, com roupas de tecidos sintéticos brilhantes e estampas psicodélicas, algo prático para as danças nos salões dos clubes. Este vestuário estava acompanhado de calçados plataformas, mas sem deixar também o tom refinado e clássico. Abaixo iremos saborear os estilos que andavam os cidadãos em diversos lugares frequentados.

Fátima Sá⁶¹, ao conviver com sua mãe, que era costureira, despertou o gosto para a criação, e, muitas vezes, as roupas que sua mãe fazia, procurava customizar do seu jeito. A foto 16 foi tirada na frente de sua casa, o vestido branco de Fátima Sá foi feito por sua mãe, onde ela mesma trabalhou o bordado da roupa, as pedras retirou de uma fruta chamada mulungu, sendo que seus frutos são em forma de vagem, bem característica de elementos do campo; e assim, nossa entrevista lembra que desenhou as flores e confeccionou o bordado no

⁵⁷ RUFINO, Olívia. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

⁵⁸ SÁ, Fátima. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Idem.

seu vestido, a criatividade fazia parte, também como forma de ajudar os meios que eram precários.



Fotografia 16: Fátima Lima e Fátima Sá.
Fonte: Arquivo pessoal Fátima Sá. 1971.

A foto 17 demonstra um momento de desconcentração. Encostadas no fusca, depois de um dia de trabalho, as jovens, que eram professoras, subiam o Morro de Seu Abraão, hoje o conhecido bairro da Aerolândia, para conversarem. As vestes delas indicam tendências da época, como por exemplo, o lenço que aparecem amarrados nos cabelos, esta indumentária pode ser associada à moda que a novela Barba Azul trouxe. Eram usadas, em várias partes do corpo, acessório muito comum. Na foto vemos da esquerda Gracinha Santa, com vestido florido curto, cabelo curto da moda unissex, Gracinha Santos e Galgane em uniforme da escola onde trabalhavam, colégio Marcos Parente, outras estão de óculos coloridos, redondos. Graça Formiga⁶² lembra que os jovens da época tinham cada um de uma cor.

⁶² FORMIGA, Graça. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.



Fotografia 17: Gracinha Santos, Graça Formiga, Galgane, outras sem nome.
 Fonte: Arquivo pessoal de Graça Formiga. 1971.

Na Praça Félix Pacheco ocorria frequentes encontros da juventude, que se intensificavam nos finais de semana, momento propício para moças e rapazes mostrarem elegância e o novo. A foto 18 indicam como essas moças jovens iam vestidas para a Praça, apesar do momento da foto ter sido no parapeito do Picoense Clube, antes, segundo lembra à entrevistada, estavam reunidas naquele espaço público, como indicou Mundica Fontes. No momento da foto, pelas expressões ocorria algum tipo de brincadeira. Suas roupas mostram o estilo da época, meias calças lisas e coloridas eram usadas com os vestidos, macaquinhos e jardineiras como está representado na imagem, Mundica Fontes, à direita, optou por a saia longa estilo hippie. Fátima Sá lembra que para a Igreja ia com vestido, sapato e meia calça fina, não esquecia o leque já que as temperaturas eram altas.⁶³

⁶³ SÁ, Fátima. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.



Fotografia 18: Zenilda Deusdará, Terezinha Lélis (In memorian), Zenaide Deusdará e Mundica Fontes.

Fonte: Arquivo pessoal de Mundica Fontes. 1973.

A foto 19 é cheia de significados de ma época, Mundica Fontes na década de 1970 estudou na UFPE o curso de ciências Biológicas e lá teve contato com um modo de vida diferente da sua terra natal. A foto foi tirada num hall do hotel no Rio Grande do Norte com seu colega universitário José de Jesus, as vestes representavam um símbolo de contestação dos jovens da época. José de Jesus apresentava cabelo comprido e calça Jens boca- de- sino, sapato cavalo de aço, moda da novela de mesmo nome, que causava estranhamento entre os mais clássicos e adoração entre os jovens rebeldes, e, por fim, algo que compunha o comportamento juvenil, o cigarro entre os dedos. Mundica estava com uma calça boca- de- sino quadriculado e risca giz, plataforma hippie. A blusa era estilo lapela de paletó larga uma apropriação das vestes masculinas, bolsa capanga bem ripponga com franjas que também foi uma explosão nessa época. O clima da foto entre os dois é de uma amizade colorida, onde Mundica revela que sua sobrinha tentou rasgar a foto com ciúmes.



Fotografia 19: José de Jesus e Mundica Fontes. Hall do Hotel Tunostenio-RN Currais Novos.
1974

Fonte: Arquivo pessoal de Mundica Fontes. 1974.

As festas que ocorriam na cidade era o momento mais oportuno para o desfile das ricas indumentárias. As mulheres esperavam o momento para olhar, copiar os modelitos e até mesmo sair e falar dos trajes uma das outras. Como já mencionamos, o Réveillon no Picoense Clube reunia os cidadãos que moravam na cidade e fora, momento muito propício para rever os amigos, era um acontecimento singular, pois requisitava vestes bem distintas. A Foto 20 foi tirada no réveillon do Picoense Clube em 1975, mostra Mundica Fontes com suas amigas, todas trajando longo. Percebe-se que o uso da plataforma alta estava em vigor, e eram usadas até mesmo em eventos formais. Mundica Fontes⁶⁴ nos fala e como percebemos na foto, os vestidos usados por elas eram de costas nuas, moda que, segundo a nossa entrevistada foi trazida pelas mulheres dos capitães e sargentos do 3º BEC, uma vez que estas, quando chegaram na década de 1970, acompanhando os seus maridos militares, ajudaram a inovar muito no modo de vestir dos picoenses, trouxeram uma moda jovem, com o uso do short, como já foi mencionado no primeiro capítulo, e, como lembra a nossa entrevistada, também da “costa nua”, algo que era muito estranho à cultura.

⁶⁴ MOURA, Raimunda de. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.



Fotografia 20: Zenilda Deusdará, Mundica Fontes e Lucinha Deusdará.
 Fonte: Arquivo pessoal de Mundica Fontes. 1975.

Em conversa com seu Albano, este nos conta que, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, as festas de formatura Ginasial, realizados nos clubes da AABB e Picoense eram um evento muito importante na cidade, os formandos e convidados iam com trajes finos. Assim como também as festas de debutante eram muito frequentadas e havia toda uma preocupação no tocante as roupas, que exigiam requinte, sendo permitidos apenas os longos para as mulheres e terno para os homens. A foto 21 não foi tirada na cidade de Picos, mas faz parte de famílias que vieram para Picos morar, e que depois foram embora, mas que frequentavam constantemente a cidade, por isso a imagem retrata bem aquele momento. De acordo com relatos de entrevistados, esta era a forma como trajavam-se as aniversariantes de 15 anos e os convivas. Foi tirada em Belém, a debutante é sobrinha de Fátima Sá⁶⁵, Cleide Braga estava

⁶⁵ SÁ, Fátima. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

com um vestido de plumas nas mangas, que eram soltas, estilo indiano, e plumas também na barra do vestido muito em gosto para esses eventos formais. A sua mãe, Iolanda Braga, aparece também com uma vestida manga longa e decote em forma de V, mostra como os convidados se apresentavam perante esses eventos.



Fotografia 21: Iolanda Braga, Cleide Braga, sem nome.
Fonte: Arquivo pessoal Fátima Sá. 1973.

Os casamentos eram festas onde compareciam a sociedade, tornando-se momento propício para exibição do elevado requinte social, onde cada um queria ir luxuosamente a essa festividade. Não sendo diferente das maiores novidades que ocorriam no século XX, nos casamentos vigoravam o que Gilda Chantaigner chamou de moda clássica rejuvenescida e a moda jovem Brasil com tons vibrantes, a partir do acesso que a pesquisa teve com mulheres que casaram na década de 1970, constatamos isso.⁶⁶

⁶⁶ CHANTAIGNER, Gilda. Op.Cit.

Fátima Sá⁶⁷ casou em fevereiro de 1972, na Matriz de Nossa Senhora dos Remédios em Picos, e de acordo com Oneide Rocha⁶⁸, que esta foi a noiva considerada a mais bela do ano⁶⁹. A foto 22 mostra a noiva que usou chapéu e vestido confeccionado por sua mãe, o modelo teria sido criado por Fátima e sua genitora. A entrevistada nos conta que queria muito casar com uma rosa natural, então comprou e deixou exposta na mesa dentro de um vaso com água, mas, prestes ao sair para a Igreja percebeu que havia murchado, então lembra-se que disse: “eu não posso entrar na Igreja com uma rosa murcha”⁷⁰, observou que tinha um arranjo de rosas vermelhas feito por sua mãe, então usou da sua criatividade, retirou a rosa murcha e colocou as artificiais no galho de rosas naturais.



Fotografia 22: Fátima Sá e seu esposo.
Fonte: Arquivo pessoal Fátima Sá. 1972.

⁶⁷ SÁ, Fátima. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁶⁸ ROCHA, Oneide. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ SÁ, Fátima. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

A pesquisa constatou que, durante o decorrer daquele ano, e devido Fátima Sá ter sido considerada uma noiva esplendorosa, trazendo chapéus para casamento, as mulheres que casaram-se depois dela adotavam tal acessório. Graça Formiga⁷¹ casou em junho de 1972 e nos conta que, certa vez, teve acesso na cidade de Teresina a uma revista americana, e percebeu que as noivas fotografadas exibiam-se de chapéus, então, dado o sucesso de sua prima Fátima Sá no casamento resolveu também casar-se de chapéu, com um estilo clássico e simples, o vestido e chapéu foram confeccionados por sua tia, a mãe de Fátima Sá.

A foto 23 foi tirada no lar dos recém casados. Percebe-se que o vestido de Graça Formiga era branco e bem simples, mas que o chapéu deixou a noiva condizente com os padrões estéticos da época, seu chapéu era muito parecido com o de Fátima Sá, usando também um buque de rosas vermelhas. O seu noivo usou terno e gravata.



Fotografia 23: Graça Formiga e seu esposo Geraldo Sinval.
Fonte: Arquivo pessoal de Graça Formiga. 1972.

Já a partir do ano de 1973, o que percebemos é que a moda psicodélica ganhou o gosto das noivas. A cidade de Picos scandalizou-se com um casamento de duas irmãs, Delma Rodrigues e Celma Rodrigues, que adentraram a Igreja trajadas de vermelho. Delma

⁷¹ FORMIGA, Graça. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

Rodrigues⁷² conta que houve um “aue” na sociedade por conta da cor do seu vestido, pois diante de uma sociedade tradicional houve uma rejeição à qualquer tentativa de mudança radical. Embora a cor tenha levantando suspeitas sobre virgindade das irmãs, uma vez que o branco simbolizava a virgindade da noiva, algo que era exigido socialmente naquela época, a entrevistada afirma que isso não teve nada a ver com a proposta do vestido vermelho, pois argumenta que ela e a irmã casaram virgens, a opção pela cor vermelha se deu por conta do gosto e fascínio que tinha por essa cor, desejando casar-se assim. Contudo, o argumento definitivo para a escolha foi que, sua irmã mais velha, na época morava no Crato, assistindo televisão, viu um casamento onde a noiva estava de vermelho, imediatamente ligou para suas irmãs que estavam em Picos dando a ideia, que foi de imediato acatado, já que o gosto juntamente com a novidade teria impulsionado decisão. Foi comunicado aos seus pais e noivos onde não se impuseram a essa decisão.

Alderí Albano⁷³ uma costureira fina da pequena cidadina, foi quem escolheu o modelo e confeccionou os vestidos, chapéus, acessórios e os arranjos. As damas de honra também entraram de vermelho, o pajem com terno preto e camisa vermelha. A foto 24 mostra as noivas de vermelho usando também chapéu.

⁷² RODRIGUES, Delma. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁷³ RODRIGUES, Delma. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.



Fotografia 24: As irmãs Delma Rodrigues e Celma Rodrigues com seus respectivos esposos.
Fonte: Arquivo pessoal de Delma Rodrigues. 1973.

A foto 25 foi tirada na festa, com alguns convidados. Percebe-se pela imagem, como os convidados iam vestidos para os casamentos, interessante também notar que as mulheres estavam de vestidos bem curtos, as bolsas eram acessórios muito usados e homens de terno e gravata.



Fotografia 25: As irmãs com seus esposos e alguns convidados.
 Fonte: Arquivo pessoal de Delma Rodrigues. 1973.

As irmãs que radicalizaram com seus vestidos de noivas vermelhos, acabaram por inspirar os casamentos seguintes, e assim, a cor passou a ficar comum. Maria Iracema⁷⁴ contou em sua entrevista, que soube do casamento das irmãs e assim abandonando o tradicional branco, em 1977 casou-se de laranja. Maria Helena disse que acompanhando a moda do momento em 1977 também resolveu-se casar com cores vivas e o verde foi o escolhido. Através de alguns relatos ficamos sabendo que ocorreram muitos outros e até mesmo houve um casamento com vestido preto, como nos informou Oneide Rocha, Sônia, mas que não foi encontrada para dar seu testemunho.

2.4 Quem eram as mulheres elegantes?

Este tópico foi construído a partir de uma pesquisa, na qual o trabalho das entrevistas foi essencial para o resultado. A intenção era investigar quem eram as mulheres e os homens elegantes, contudo houve um silenciamento dos entrevistados ao falarem sobre os homens. De acordo com os depoimentos foram contabilizados e as cinco mais citadas por todos na época tratada foram:

⁷⁴ LUZ, Maria Iracema Araújo Luz. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

Aloísia Helena Lima de Barros, nasceu em Picos em 20 de junho de 1944, professora, casou-se com 26 anos de idade com renomado médico da cidade de Picos José Nunes de Barros. Dedicada aos filhos e a família, era uma mulher extremamente organizada, religiosa, na memória dos entrevistados foi à mulher mais fina, elegante e bela que Picos conheceu. Sua filha Valéria Barros⁷⁵ conta que desde pequena sempre foi muito vaidosa, em casa sempre andava bem arrumada, de batom. Seu estilo era clássico, gostava de andar sempre combinado as roupas com o cabelo e os acessórios. Afirma que a questão de elegância da sua mãe era algo inerente a sua personalidade, era a postura, os atos, os hábitos, a forma de expressar e se comunicar com as pessoas, não andava com nada de excepcional, sua elegância denotava uma forma diferente, era seu jeito de andar e falar.

Na fala dos entrevistados era costumeira a expressão “tal mãe, tal filha” se referindo à elegância que a filha Aloísia Helena e sua mãe Helena Leal Leopoldo Lima tinham, Helena Leopoldo era picoense nasceu em 09 de janeiro, o ano sua neta não conseguiu lembrar-se, nos conta que era também muito vaidosa, mas via sua elegância de forma diferente, assim como a de Aloísia Helena era a maneira de ser perante os outros que davam destaque e realce, assim como Aloísia, ganhou varias vezes os concursos, entrando no rol das as mulheres mais elegantes de Picos.

Maria Carmem Gerbasi Reynaldo Fonseca⁷⁶ nasceu em 05 de setembro de 1923, natural de Picos, mas filha de um casal de italianos. Viveu sua infância na provinciana cidade picoense, foi ajudante de uma modista na capital Teresina, quando retornou à Picos casou-se com Fonseca, tenente do Exército, professor e dentista, pessoa muito influente na cidade, assim passou a frequentar eventos da sociedade e exibia-se de forma refinada e clássica, nos contou que quando tinha eventos que exigiam requinte, lavava seu cabelo e na ultima água misturava bicarbonato, ficava com jogo, solto o que causava olhares, comentários e elogios perante os outros.

Maria das Dores Xavier de Oliveira, mais conhecida como Dorinha Xavier, nasceu em 18 de novembro de 1923 na cidade de Picos, na memória dos entrevistados foi lembrada como uma mulher que possuía elegância e firmeza e que trazia coisas novas para à cidade, sempre foi uma mulher considerada à frente do seu tempo, independente e que chocava e escandalizava a sociedade com seus atos, foi a primeira picoense a escanchar em uma sela de cavalo, a primeira a usar calça comprida na cidade e a primeira a viajar dirigindo de Picos à

⁷⁵ BARROS, Valéria. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁷⁶FONSECA, Maria Carmem Gerbasi Reynaldo. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

Teresina, fazia com frequência este percurso, viajava quando sentia vontade, viajou durante dois meses pela Europa e conheceu dez países.

Nuní Moura Varão, nasceu em 01 de maio de 1922 em Picos, passou sua infância na pequena cidade, depois foi para Petrolina estudar e fez um curso de flores, voltou para Picos Casou-se aos 15 anos de idade com Cristino Varão, fotógrafo da cidade e fundou uma escola de primeiras letras. Em seguida montou um atelier e preparou muitas noivas, festas de primeira comunhão, batizados, debutantes, uma gama de serviços de flores e festas, confeccionou grinaldas e bouquet para os casamentos, foi também promotor de festas. Seu irmão, que foi embora para o Rio de Janeiro, mandava novidades no que diz respeito à revistas, tecidos e tudo que estava relacionado a sua área. Juntamente com seu esposo eram muito conhecidos na cidade, conquistando Picos e região, Dona Nuní sempre andou bem vestida e foi escolhida mais de uma vez como uma bela e elegante mulher, o seu estilo, segundo sua filha Cristina Varão⁷⁷ era clássico e refinado, vestia- e muito bem, suas peças preferidas eram os tailleurs.

⁷⁷ Conversa realizada em 30 de março de 2013.

3 RESISTÊNCIA À MODA, COMPORTAMENTOS E VESTIMENTAS CONTRACULTURAIS EM PICOS NA DÉCADA DE 1970

3.1 Quem eram os fora da moda?

Georg Simmel, filósofo e sociólogo alemão em “Filosofia da moda e outros escritos⁷⁸” reflete sobre a moda e vestuário. Para este autor a moda é a imitação que está camuflada pelas pequenas variações e por seu desejo de distinção, por isso, a moda nada mais é do que uma forma particular entre muitas outras formas de vida, é um produto da divisão de classes, que se comportam como muitas outras configurações; unir e diferenciar são funções que se apresentam de modo inseparável, embora constitua oposição lógica. O modo de andar, a cadência, o ritmo dos gestos são, sem dúvida, para o autor, determinadas pelo vestuário o que implica dizer que homens vestidos de modos semelhantes comportam-se de modo relativamente semelhante.

De acordo com Georg Simmel, percebe-se que o vestir encontra sentidos ampliados, ganha uma dimensão corpórea e social na medida em que formam comportamentos e esses posicionamentos perante a sociedade faz com que ocorra diferenciação dos indivíduos⁷⁹.

Segundo Renata Pitombo Cidreira⁸⁰, a conjuntura socioeconômica- cultural vivida em fins de 1960 e início de 1970, impulsionou uma série de explosões juvenis que apesar de distintas tem em comum propor uma transformação radical, reivindicando uma reversão do modo de ser da sociedade:

Movimentos como o psicodelismo, o feminismo, uma certa revitalização da volta à natureza, festivais de música que se transformam em verdadeiros happenings de liberação, vertigem, a proposição de uma nova forma de relação, em que se privilegia o amor livre, movimentos estudantis e as comunidades hippies, entre outros. Uma sensação de instabilidade e a conseqüente necessidade de escapismo – própria de momentos de grande reviravolta de valores –, promovem, na grande maioria dos jovens, a necessidade de uma vida mais saudável, simples, natural.⁸¹

Esses jovens rompem com costumes tradicionais, delineando-se naquele momento uma nova atitude e também uma nova moda, a preocupação de seus pais é com o

⁷⁸ SIMMEL, Georg. Filosofia da Moda e outros escritos. Edições Texto & Grafia: São Paulo, 2008.

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ CIDREIRA, Renata Pitombo. A moda nos anos 60/ 70: comportamento, aparência e estilo. Revista do Centro de Artes, humanidades e letras. V. 2, p. 35- 44, 2008.

⁸¹ CIDREIRA, Renata Pitombo. Op. Cit., p.36.

comportamento, sobretudo, com a maneira de vestir-se, destacando-se o gosto pelo extravagante. Segundo Castelo Branco, é na percepção do espaço urbano, do estranhamento entre velho e novo que serão afirmados e reafirmados os opostos “mulher da vida/mulher de família, macho/veado, cabeludo/asseado, etc.⁸²”. Os conceitos que pais, escolas dentre outras instituições, repassavam, revelariam insuficientes para compreender um mundo novo, mas resistente aos hábitos consagrados. Os espaços urbanos são repartidos em termos de lugares onde se pode ou não fazer alguma coisa, a polícia procura controlar os corpos e a imprensa faz o papel de denunciadora, nomeando e delimitando as fronteiras de existência das pessoas, apoderando-se dos significados para marcar posição de sujeito.

Para entender as condições humanas de existência, na década de setenta, tem de se entender o papel que representaram as palavras. As denominações que foram apropriadas no universo da linguagem jovem, segundo Castelo Branco⁸³ foi utilizado no período como instrumento de padronização social, como é o caso da paquera e mariposa. Paquerar, naquela época não significava flertar, mas, antes de tudo, era o lugar de um sujeito que perturbava a ordem pública, desrespeitando padrões morais. Mariposa não significava o inseto, mas nomeava mulher da vida, que não podiam transitar em horários que as famílias estivessem presentes, só quando estivessem recolhidas.

Outro termo utilizado foi “cabeludo”, que estava longe de ser apenas um corte, usar cabelos compridos no período são emblema de recusa aos padrões, passou-se também a ser símbolo de resistência pessoal e um modo novo e rebelde de estar no mundo. “Usar cabelos compridos não é apenas deselegante, é acima de tudo obsceno e imoral”⁸⁴. Nos jornais começavam a circularem artigos sobre a intolerância contra comportamentos juvenis. Nas colunas sobre moda havia sugestões sobre a utilização de cabelos compridos, inversões de costumes que faziam com que as mulheres usassem cabelos curtos e os homens cabelos compridos.

Ser cabeludo (...) é acima de tudo uma posição de sujeito que oferece tanto prazer, quanto risco. (...) significa desmentir na linha padrão de desejo e investir numa linha de fuga. O cabeludo é alguém que quer empreender uma fuga identitária.⁸⁵

⁸² CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Todos os Dias de Paupéria: Torquato Neto e a Invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005. P.61.

⁸³ Idem.

⁸⁴ Idem, p. 89.

⁸⁵ Idem, p. 93.

Renata Pitombo Cidreira⁸⁶ revela que as jovens recorriam aos vestidos da época de seus avós e bisavós, as velhas indumentárias de marinheiros e militares, os minivestidos e as minissaias de cintura para baixo, com faixas horizontais e inserção triangular de pregas na bainha, causando movimentos, mas, segundo a autora, o que importava é que “suas roupas eram divertidas, fáceis de usar, rejeitando tudo o que fosse engomado e formal”⁸⁷. A autora sublinha que, impulsionadas pelo movimento feminista, e a partir da entrada da mulher no mercado de trabalho, a moda enfatizava um estilo de vestir-se que procurava eliminar barreiras existentes entre roupas de homem e roupas de mulher, procurava-se praticidade dos modelos e nas escolhas do tecido, causados pela vida competitiva que deixava pouco tempo para combinar as roupas, ou seja, para cuidar delas:

De fato, até os anos 60, havia uma maneira de vestir-se, com a qual homens e mulheres, seguindo-a à risca, mantinham acentuadas as diferenças de sexo. Até aquela década, também estava na roupa a diferença de algumas posições sociais. Particularmente o terno indicava situações de trabalho, status político e social, mas, sobretudo, uma condição masculina urbana. Com o aparecimento e expansão da moda hippie tudo começou a mudar: primeiro a redução das diferenças no vestuário de homens e mulheres; depois a adoção de todo um estilo informal de portar-se e vestir-se, com a perda da posição central do terno, sem mencionar a mudança nos cortes de cabelos masculinos, antes curtos, passando a cair sobre os ombros, em desalinho, entre outras alterações.⁸⁸

Renata Pitombo Cidreira⁸⁹ observa que a moda masculina, nesse período também se transformou radicalmente, o homem passou a aderir aos cabelos compridos, deixou de usar gravatas para vestir-se com jaquetas de zíper, golas altas, tecidos sintéticos, botas, calças largas, camisas coloridas ou estampadas, contribuindo na difusão da moda unissex. Os jovens passaram a vestir de maneira bastante fora do comum, Odorico Carvalho⁹⁰ afirma que a diferença nesse momento era algo muito importante na afirmação da estética. O entrevistado recorda que, nesse tempo, um amigo seu veio à Picos passear, causando espantamento diante da população ao usar roupas esquisitas para a época, calça com cós acima do umbigo, as formas de sua camisa interessavam ao ter estampas diversas e até apresentavam reprodução de rostos famosos.

⁸⁶ CIDREIRA, Renata Pitombo. Op. Cit.

⁸⁷ Idem, p. 39.

⁸⁸ Idem, p. 40.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ ODORICO, Carvalho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

Os jovens, ao se destacarem com suas roupas, se apropriavam da Op Art e de suas cores fortes, ilusão de ótica, simetrias, segundo a autora Renata Pitombo Cidreira⁹¹ analisa isso vai ser percebido na padronização dos tecidos, que revelam contemporaneidade e jovialidade, a moda tornou-se alegre, colorida, rebelde e, até mesmo, debochada, perante o modelo de vida imposto pela sociedade, permitindo uma diversificação, sendo que vários estilos foram postos pela juventude.

A indústria têxtil desenvolveu novas fibras sintéticas e maleáveis como banlon e a helanca, que variavam em termos de modelagem, possibilitando a fabricação de roupas justas, entre estes estava o tubinho, assim como roupas com movimento diferenciado, destacando-se as saias plissadas. As roupas revelam o corpo através das transparências, seja com camisas usadas por homens, ou pelas meias calças das mulheres, nesta década houve consolidação do estilo hippie e indiano.⁹²

A autora Renata Pitombo Cidreira⁹³ apresenta ainda que os jovens reuniam-se com seus jeans bordados ou com aplicações de flores, ou as famosas calças de algodão boca de sino abertas em direção à bainha, camisas com estampas indianas, saias compridas desbotadas, para mulheres havia: flores espalhadas pelos cabelos compridos, túnica romana, sari indiano. Eram muitas as tendências joviais da década de 1970, na qual o jeans foi à peça de maior valor contestatório:

É interessante observar que a década de 70 assistiu ao momento de apogeu do jeans, sobretudo pela sua adoção por grupos e que se encadeiam na desobediência civil ao *stablishment*: negros, mulheres, hippies, estudantes contra a guerra do Vietnã e finalmente homossexuais. Foi-se fazendo assim um símbolo de resistência à dominação derivada da idade, do sexo, do poder político e econômico e das normas e estilos de vida.⁹⁴

O artigo intitulado “Transições e interferências” retrata, esta época, a famosa guerra de gerações, que estava acontecendo sendo, este aspecto, mais visível nas roupas, “vestir-se é se expressar, e não obedecer aos códigos sociais”⁹⁵. A moda permite a classificação social dos indivíduos ao separar claramente os que seguem e os que não seguem seus ditames, mas o que ocorreu foi que os códigos da indumentária romperam com as proibições daquilo que era ou não permitido usar, dando uma liberdade, sem os *tailleurs* completos de antes onde se

⁹¹ CIDREIRA, Renata Pitombo. Op. Cit.

⁹² Idem.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Idem, p. 41.

⁹⁵ PROST, Antoine. VICENT, Gérard. História da Vida Privada. Transições e Interferências. São Paulo: Companhia das Letras.

tinham as ocasiões propícias para usar determinada roupa que forneciam até o penteado a ser usado. O código do vestuário tornou-se mais sutil e estar na moda não é mais seguir-lá “é mostrar pelo uso que faz dela, que não é medíocre”⁹⁶ a roupa expressa a personalidade reivindicada por cada um, o que ditava agora era o estilo pessoal de vestir-se.

Esta estética um tanto quanto arrojada estava presente na cidade de Picos e eram apontados os que andavam fora de moda. Odorico Carvalho⁹⁷ revela que por conta da sua estética de ter cabelos nas costas e vestir-se com roupas extravagantes, passou por vários constrangimentos. Em 1973 foi aprovado para trabalhar no Banco do Brasil, já cantava na banda *Os Rebeldes*, neste período, o gerente do Banco exigiu que Odorico cortasse o cabelo, e mostrou as instruções propostas para a boa conduta dos que trabalhavam naquela empresa, estes deveriam portar-se de certa maneira socialmente, onde não seria permitida qualquer aparência pessoal que chocasse a sociedade, e, nesse sentido, seus cabelos compridos fugiam a tal regra. O entrevistado disse que teve de argumentar, pois achava que aquilo era exagero e que acontecia no mundo inteiro, inclusive na cidade interiorana já existiam vários cabeludos, até que o gerente permitiu que trabalhasse sem cortar o cabelo, porém, Odorico Carvalho⁹⁸ relata que foi uma tarefa bastante árdua convencê-lo.

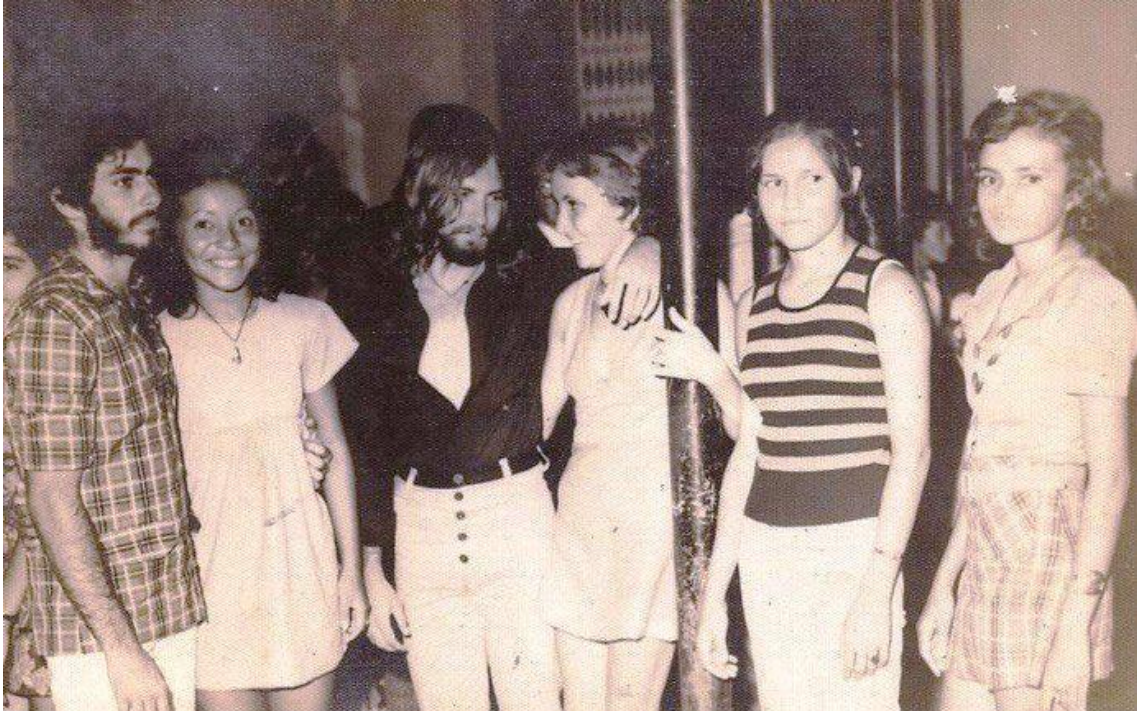
Odorico lembra, ainda, que em determinado momento passou a usar bigode, porque chegou a ser confundido por inúmeras vezes com mulheres, quando trabalhava no caixa do Banco do Brasil, sendo costumeiros senhores falarem: “moça me atenda aqui”.

A foto 26 foi retirada em uma festa no Picoense Clube e mostra o quanto os jovens estavam se libertando das amarras de vestes formais, e que, sobretudo, a moda hippie, ou simplesmente o estar fora da moda convencional recaiu sobre jovens na cidade picoense. Apesar de não ter data específica, a foto retrata bem essa década. Da esquerda temos Beto, o baterista da banda de rock *Os Rebeldes*, com camisa quadriculada, bem típica do momento, abraçado a sua namorada Betânia, que se encontra com um vestido curto marcando a cintura. O cabeludo é Antônio Bineta que veste calça jeans cintura alta, camisa manga longa deixando o peito aberto e, no rosto, usa barba. Maria Ferreira, ao meio da foto, também apresenta vestido curto, e, por fim, de calça comprida e camisa listrada, que não foi lembrado o nome da pessoa pelo entrevistado, e a Inez Santos usava uma saia quadriculada alta vermelha com uma blusa de lapela larga.

⁹⁶ PROST, Antoine. VICENT, Gérard. Op. Cit., p. 141.

⁹⁷ ODORICO, Carvalho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

⁹⁸ Idem.



Fotografia 26: Beto, Betânia, Antonio Bineta, Maria Ferreira, sem nome e Inez Santos.
Fonte: Arquivo Cristina Varão. Sem data.

3.2 Quais os comportamentos contraculturais?

Comumente ouvirmos falar que, no final dos anos 1960 e, sobretudo, nos 1970, a juventude se fez ouvir, tornando-se principal protagonista deste momento histórico. A rebeldia juvenil ameaçava estilo de vida, costumes e modos de seus pais, colocando primeiramente, nos ambientes imposições de novas relações até sair para espaços públicos. Para entendemos isso é importante nos apropriarmos dos estudos de Teresinha Queiroz⁹⁹ onde aponta quatro modos diferentes desses jovens de ser e estar no mundo.

O modo familiar que aqueles jovens seguiam, os valores de seus pais, a tradição ensinada pela família, estava centrados na disciplina e na honra. Os padrões tradicionais de moralidade, mesmo com a emancipação feminina, ainda continuavam a serem os mesmos, existiam discursos em torno do papel da mulher, sendo que a estas caberia o papel de ser uma boa esposa, mãe, dona de casa, mantendo a ordem no espaço doméstico. As moças, em geral, estudariam para, em seguida, casarem-se, cabendo ao marido decidir se prosseguiriam com os estudos, com isso tentavam conciliar o papel de mãe, esposa e dona do lar. A liberação sexual

⁹⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006.

feminina colocava-se de fato como um tabu na década de 60, usufruir da sexualidade é ainda uma possibilidade remota.¹⁰⁰

Aos homens caberia o papel de pai, provedor e esposo, sempre atuando no espaço público que era o mundo das letras e do trabalho devendo determinar as regras e ordens no espaço doméstico e da unidade familiar. O modo do jovem e da jovem ser feliz era:

O mundo para essa fração da juventude, tem a cor otimista do sucesso, da fama e do consumo. Bem definido nas letras dos ídolos da Jovem Guarda, é urbano, classe média, automobilizado, *up to date*, notívago, barulhento, irreverente, parcialmente rebelde para com os costumes familiares (...)¹⁰¹

O modo hippie de ser jovem propunha uma radical recusa à cultura do mundo ocidental, sinalizava a rebeldia e o inconformismo com o Estado e o arranjo da família tradicional, das formas de organização política e social. Estes eram vistos como indivíduos assustadores por questionarem a religião, a família, a sexualidade e dignidade ao trabalho, romperam, muitas vezes, com estilos convencionais de hábitos, convivência, sobrevivência, vestimenta, dentre outros aspectos.

A moda como a música e os ritmos, se universalizava diante das influências americanas e européias. A velha guarda do samba perde espaço para a bossa nova, os sambistas da nova geração, e os ritmos *iê-iê-iê* e *rock'n roll* que penetravam em todas as suas variações. Os ritmos pops e a música romântica se recuperam pela tradução. O movimento da Jovem Guarda marcava as formas dos jovens por apresentar suas expressões de alegria, animação e muito barulho.

Teresinha Queiroz aborda um fenômeno perceptível nesse momento, o interesse que os jovens manifestavam pela língua inglesa, aparecendo em suas falas e escritas, este aspecto também pode ser visualizado em Picos. Maria Helena¹⁰² lembra que era muito comum o tratamento entre os garotos por boy e Odorico Carvalho¹⁰³ fala que eram corriqueiros, nos momentos da apresentação da Banda *Os Rebeldes*, cantarem músicas inglesas e os espectadores gostarem e pedirem bis.

O rock tornava-se símbolo da juventude, *Os Beatles*, *Rolling Stones*, *The Mamas*, *The Papas*, *Bob Dylan* revolucionaram não só a música, mas igualmente interferiam nos costumes. A juventude queria viver literalmente a vida dos seus ídolos e confundiam sua

¹⁰⁰ QUEIROZ, Teresinha. Op. Cit.

¹⁰¹ Idem, p. 269.

¹⁰² LUZ, Maria Helena Araújo. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

¹⁰³ ODORICO, Carvalho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

trajetória com as deles. Se a geração *beat americana* ditava em parte a moda jovem, os grandes conjuntos internacionais de rock difundiam as novas formas, *up to date* de se vestir.¹⁰⁴

Teresinha Queiroz afirma que a indústria nacional absorveu esses modelos, a calça jeans cujo uso entre jovens passa a ser a marca do seu lugar no mundo, jaquetas, mini e microsaías, dos tubinhos, roupas sofisticadas de couro e acessórios vistosos. No final da década de 1970, o urbano estava marcado pela nova moda industrializada, mas também pela moda alternativa que acompanhava as tendências das milenares da moda oriental, que entraria nas seguintes décadas até alcançar o *hippie-chic*: térmicas e pantalonas.¹⁰⁵

Segundo Teresinha Queiroz, o século XX foi visto como um considerável aumento demográfico, o que se pode perceber também como um aumento significativo do mercado consumidor jovem e de classe média, a oferta, os produtos (incluindo produtos culturais com roupagem de novos), torna-se muito variada. Os modelos e marcas são de jovens artistas que inventaram uma nova moda e o sinônimo desse contexto é comprar.¹⁰⁶

“O marketing da década é interessante, charmoso, convidativo e diferenciado”¹⁰⁷. Os produtos culturais ligados ao cinema, filmes, também os discos, as revistas, os ingressos dos shows e de peças teatrais são de grande elenco e consumidos pelos jovens. Nessa época, a televisão passa a ser ditadora de moda e comportamento não só dos jovens, mas da sociedade brasileira.

Nos anos 1960 e 1970 a imprensa lançava notas criando os diversos artistas, com críticas e elogios, que buscavam conquistar o mercado internacional, as revistas ditavam o que comprar incentivando os jovens ao consumismo, era os itens relacionados aos discos e à moda jovem. Os editoriais voltados para o público jovem eram o das revistas de fotonovelas, com melodramas românticos e ainda havia as revistas de fofoca dos artistas.

Na década de 1970, o Brasil é caracterizado pela imprensa alternativa, que evidenciava o pensamento jovem, fazendo críticas ao regime militar, sistema que se caracterizava de forma repressora e que, muitas vezes, reforçava o conservadorismo da sociedade. No início dessa década, emerge outro perfil de revistas, as de arte e cultura que abordavam a poesia concreta, as transformações das artes visuais, as novas tendências do cinema, as rupturas como também continuidades da música.

¹⁰⁴ QUEIROZ, Teresinha. Op. Cit.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Idem, p. 276.

Castelo Branco¹⁰⁸ assinala que as drogas, inclusive no âmbito acadêmico, foram uma marca da juventude dessa época, os experimentos com drogas psicodélicas justificariam um esforço para democratizar o acesso a elas, tonando-se marcas empreendidas, segundo este autor, que carimbaria os movimentos da juventude. Os jovens acreditavam que as drogas como marijuana (maconha), haxixe e alucinógenos como LSD, causariam liberdade e liberação da mente, não como um modo de fuga da realidade, mas como surgimento da percepção e consciência para novas dimensões.

O inconformismo, a insatisfação focada nas transformações de consciência, valores e comportamentos foram tomadas pelos jovens ao inovarem diversos estilos, seja o movimento hippie, o rock, a movimentação nas universidades, as viagens de mochila, seja nas drogas, orientalismo, sexo livre e, assim, rebelando-se contra valores tradicionais e conservadores da sociedade. Adotaram uma cultura *underground* e estabeleceram novas normas, gostos e padrões de comportamentos, embasados naquilo que almejavam na busca de uma mudança de atitude diante de uma sociedade opressora.

3.3 Vozes da contracultura- quem eram esses jovens?

Na cidade de Picos como abordamos sucintamente no primeiro capítulo existia, de fato, uma grande efervescência cultural, que se manifestavam através de eventos culturais e artísticos, principalmente no que diz respeito às músicas. O surgimento dos *Rolling Stones*, *The Beatles*, entre outros, que comandaram o comportamento dos jovens não somente na Europa e Estados Unidos, também refletiu-se no Brasil com a criação do *iê-iê-iê* e de toda Jovem Guarda, que tinha expressão máxima Roberto Carlos e sua turma.

Como vimos nos estudos de Pedro Cesário, o movimento da *Jovem Guarda* agia apenas no comportamento dos jovens, ao lançar tendências de moda e também musical, pois tinha uma forma irreverente de comportar-se e vestir-se com calças justas no corpo, geralmente de camurça, bota com salto alto, estilo o sapato cavalo de aço, cinto bem largo com fivela, camisas de mangas longas com bolinhas vermelhas e ponta furta- cores, tudo entrelaçado no conceito do psicodelismo; mas que , muitas vezes, possuíam atitude conservadoras não tendo na veia uma contestação política, sendo considerados por muitos como alienados.¹⁰⁹

¹⁰⁸ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Op. Cit.

¹⁰⁹ ROCHA, Pedro Cesário da. *A musicalidade Picoense (1968/1983)*: (En) cantos das gerações. Picos –PI. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros –Picos.

Em contrapartida ao movimento da *Jovem Guarda* surgiu, no mesmo período, o *Tropicalismo* que tinha uma atitude jovem e contestadora, buscando um repensar na identidade cultural do Brasil. Castelo Branco retrata essa manifestação cultural da seguinte forma:

[...] se a entendermos como ponto de convergência de um universo multifacetado que inclui, além da produção de Gil e Caetano, os Bólides e Parangolés de Oiticica, os filmes de Glauber Rocha, a coluna Geléia Geral e outros escritos de Torquato Neto, os livros de Wally Salomão, as revistas Presença, Flor do Mal e Navilouca, a literatura de José Agripino de Paula, e enfim, tudo o que foi produzido no final dos anos sessenta como reflexo das inquietações da juventude urbana do período e que testemunharam esta grande complexidade do sublunar, gerando uma crise no âmbito das linguagens prevaletentes e exigindo o desentranhamento de novas linguagens.¹¹⁰

Pedro Cesário¹¹¹ aborda que o estilo musical do *Tropicalismo* e da *Jovem Guarda*, estavam presentes nas festas e tertúlias picoenses e nas atuações das Bandas *Os Rebeldes* e *Os Leões*. O autor aborda que, nessa época, as bandas que imperavam em Picos, eram, primeiramente, *Gracilio e Seu Conjunto*, depois *Os Leões* e *Os Rebeldes*. *Gracilio e Seu Conjunto* tocavam muito nos clubes da cidade, tinham um estilo musical acústico e MPB, foi o que nos informou em depoimento Odorico Carvalho¹¹², este ainda afirma que a juventude não se interessava muito por este estilo musical, mas, por falta de opções, compareciam. O autor coloca que a formação da banda *Os Leões* ocorreu no ano de 1967 e eram compostas por: Campos, Zezé Batista, Graziane, Francisco Antônio e Jorge. Foi à primeira banda eletrificada que a cidade de Picos conheceu, o estilo musical era muito parecido com o *Rolling Stones*, *The Fevers*, *The Jordans*, *The Pops*, e principalmente com *The Beatles*.

Odorico Carvalho relata que seu contato com a música iniciou através de um show de calouros realizados na escola Justino Luz, aos sábados à noite, onde a juventude se reunia, socializavam e, sobretudo, cantavam. Conta que, mesmo sem estrutura de equipamentos, animavam muito o ambiente. Logo depois foi convidado a se apresentar aos domingos no Cine Spark, até que um grupo de jovens amigos decidiu formar uma banda e, assim, o convidaram para ser o vocalista, dando-se início à formação da banda *Os Rebeldes*.

Esta foi a banda que mais se destacou nesse período em Picos, e nas casas de shows que se apresentavam lotavam o espaço. O sucesso foi tão estrondoso que tocaram no nordeste inteiro, principalmente Piauí, Maranhão, Pernambuco e Ceará. Eram verdadeiros pops “os fãs

¹¹⁰ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Op. Cit.

¹¹¹ ROCHA, Pedro Cesário da. Op. Cit.

¹¹² ODORICO, Carvalho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

iam para os hotéis, as meninas corriam atrás da gente”¹¹³. Odorico Carvalho revela que só não tocaram mais por conta da sua dupla jornada de trabalho, uma vez que era funcionário do Banco do Brasil. Assim, as viagens para locais distantes só podiam ocorrer na sexta e sábado, e aos domingos ficavam por perto de Picos.

A banda *Os Rebeldes* passou por várias formações, alguns saíam por opção, outros por problemas na banda, mas desde que se iniciou permaneceu uma base composta por Odorico Carvalho no vocal, Floriano que era baixista, Antônio Bineta baixista base. Os bateristas e guitarristas mudavam constantemente, mas a formação que permaneceu durante um prazo maior de tempo foi Beto na bateria e Araújo guitarrista solo.¹¹⁴

O estilo musical da banda *Os Rebeldes* era bastante diversificado, Odorico Carvalho argumenta que sempre tocavam músicas inglesas e americanas: *Rolling Stones*, *The Fevers*, *The Beatles*, mas que não faltavam música da Jovem Guarda. Conta que durante um tempo teve muita raiva de Roberto Carlos por achar ele muito brega e por não se posicionar politicamente, achava que queria ser muito “bonzinho” e agradar a todos, mas depois reconheceu seu talento¹¹⁵. Tocavam muitas músicas que os expectadores pediam, mesmo não sendo do seu gosto, apesar disso costumavam levar para as pessoas aquilo que também gostava, como exemplo, as canções de Chico Buarque, que costumavam ouvir muito através do rádio.

As notícias na pacata cidade de Picos chegavam muito lentamente e até mesmo com certo atraso, as informações que recebiam, sejam de músicas, roupas, comportamentos provinham de algumas rádios. No início de 1970, Picos só contava com emissora de alto falante, Difusora Luar do Sertão, que foi transformada em ondas medias, também escutavam a Rádio Globo, Clube de Pernambuco e Sociedade da Bahia. A chegada da televisão foi outra possibilidade de acompanhar o que se passava em outros locais. Odorico Carvalho¹¹⁶ recorda que tinha um rádio de ondas curtas, que pegava o mundo todo e, a partir dele, ouvia muito a Voz de Moscou que o deixava mais a par dos acontecimentos. Mas foi também a partir de sua inserção no mundo musical, e na banda, que teve a oportunidade de melhor acompanhar as revoluções da juventude que ocorria no mundo.

Os componentes da banda *Os Rebeldes* diferentemente de *Os Leões* tinha um visual nada de convencional, Odorico Carvalho nos conta que a partir dos contatos que tinham com revistas e, sobretudo, com criatividade pessoal, montavam seu próprio visual, sempre na

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Idem.

busca do exagero para chocar a sociedade. Seus modelos de roupas extravagantes e o modo de usar os cabelos, assim como ocorria com muitos jovens no mundo todo, eram inspirados principalmente nos *Beatles*. Abusavam da sua criatividade e, assim, bolavam roupas despojadas e irreverentes. Estar bem vestido, segundo o entrevistado, era uma preocupação sua e dos demais componentes da banda, procurava se apresentar com roupas novas e diferentes, e por isso investiam muito daquilo que ganhavam no vestuário. Atentavam, os músicos, para a questão de não se apresentarem uma segunda vez na mesma cidade com a mesma roupa. Suas roupas eram feitas por uma modista, Odorico Carvalho não recordou o nome, mas era parente de um dos músicos, segundo recorda era muito boa costureira, pois quando levavam desenhos de roupas criados por eles, ou mesmo fotografias e revistas, conta que ela fazia igual.¹¹⁷

A foto 27 mostra o conjunto *Os Leões* apresentando-se no palco do Picoense Clube, a estética dos componentes é arrumada, todos iguais, com coletes e gravatas, o penteado dos cabelos é semelhante ao usados pelos *The Beatles*.



Fotografia 27: Zezé Batista, Graziane, Campos, Francisco Antônio e Jorge.
Foto tirada do Trabalho Monográfico de ROCHA, Pedro Cesário da. *A musicalidade Picoense* (1968/1983): (En) cantos das gerações. Picos –PI. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros –Picos.

¹¹⁷ Idem.

A foto 28 foi tirada no momento de aparição da banda *Os Rebeldes*. Percebe-se que a estética é irreverente, calças boca-de-sino, o cós bem em cima da cintura, dois integrantes apresentam cabelos Black Power e os outros estilos hippie. O que chama atenção é a calça de Antonio Bineta, o segundo do lado direito, que é de duas cores e parece ser bem colorida e forte.



Fotografia 28: Da esquerda para a direita: Odorico Carvalho, Floriano, Antônio Bineta e Araújo.

Foto tirada do Trabalho Monográfico de ROCHA, Pedro Cesário da. *A musicalidade Picoense (1968/1983)*: (En) cantos das gerações. Picos –PI. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros –Picos.

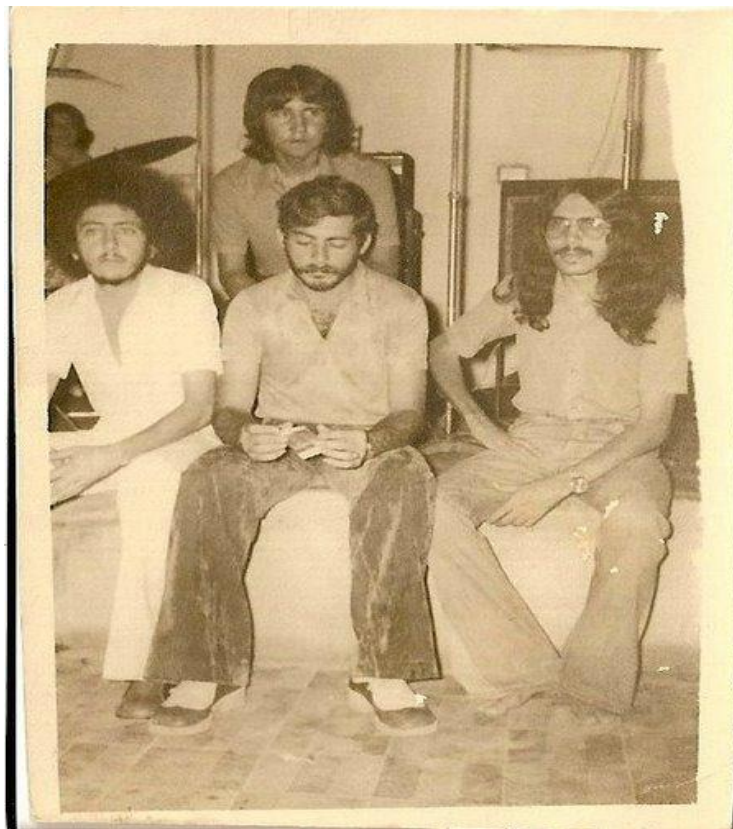
Odorico Carvalho relata que, ao chegarem pela primeira vez em uma cidade interiorana do Maranhão, no Hotel, ouviram cochichos de moças que estavam lá, segundo suas memórias estas se decepcionaram com a aparência dos músicos, pois para estas eram esquisitos: “Logo éramos todos feios e eu muito magro”¹¹⁸ e no final do show, estas teriam se surpreendido com a qualidade das músicas e a forma de se vestirem.

A foto 29, que foi retirada do trabalho do Pedro Cesário¹¹⁹, apresenta os componentes da Banda *Os Rebeldes* momentos antes de começar o show, numa cidade interiorana piauiense chamada Santo Antonio de Lisboa. Na foto, o baixista da banda, Floriano, aparece com o cabelo *Black Power*, que, assim como o autor pontua, representava o poder negro, movimento em torno da reivindicação dos direitos civis de minorias raciais que

¹¹⁸Idem.

¹¹⁹ ROCHA, Pedro Cesário da. Op. Cit.

ganhou força buscando afirmação de novos valores e estilo de vida. Esse estilo de cabelo virou uma tendência nessa época e ganhou adesão de vários jovens. A camisa aberta representava um estilo despojado. O baterista Beto, no meio da foto, está com uma camisa justa ao corpo, sua calça é boca-de-sino e camurça, seu sapato é alto, estilo cavalo de aço. Odorico Carvalho está à esquerda, com cabelo comprido ondulado, tem estilo semelhante aos hippies, usando óculo aviador colorido, que também era muito comum, assim como calça jeans boca-de-sino.



Fotografia 29: Sentados, da esquerda para a direita: o baixista Floriano, o baterista Beto e Odorico. Atrás, Roberto, que não fazia parte da banda.

Foto tirada do Trabalho Monográfico de ROCHA, Pedro Cesário da. *A musicalidade Picoense (1968/1983)*: (En) cantos das gerações. Picos –PI. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros –Picos.

Nas apresentações da banda, segundo o entrevistado Odorico Carvalho, era costumeiro o choque inicial dos presentes, pois ao entrarem exibiam-se, segundo este, de uma forma inusitada que atordoava os presentes. Odorico Carvalho¹²⁰ recorda que usava calças

¹²⁰ ODORICO, Carvalho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

boca- de- sino tão largas que pareciam com mexicanos, estas ainda eram quadriculadas, multicolor, dando um efeito psicodélico. Usavam cintura alta com camisas bem justas e estampas florais, coloridas, metalizadas e estilizadas. Recorda alguns casos interessantes, que, certa vez, entraram no palco com uma túnica mexicana com pontas e modelo da manga com ombreiras, gerando susto nos envoltos.

O sentido da moda, nesse momento era sacudir, chocar, balançar, mudar, chacoalhar todas as estruturas da sociedade. Odorico Carvalho relata que através de suas atitudes e roupas expressavam o inconformismo perante a sociedade picoense antiga, apegada aos velhos costumes, onde existia uma “clara e vergonhosa”¹²¹ divisão de classes, percebida até mesmo nos clubes que frequentavam, como exemplo o Picoense Clube que, como já foi mencionado, era elitista. Com essa proposta estética, os componentes queriam revolucionar os costumes, se revelar contra aquela mesmice, contra o destino pré-determinado.¹²²

A parte conservadora da sociedade escandalizava-se com as atitudes dos integrantes e também daqueles que os seguiam, eram contra aqueles modos, porém, Odorico Carvalho revela que nunca tiveram nenhum problema com a polícia, nunca foram perseguidos e vistos como subversivos. No tocante as drogas ilícitas, relata ainda que não houve a prática entre os componentes da banda de utilização destes produtos, contudo, aponta que, às vezes, quando chegavam às cidades, devidos suas roupas e por serem cabeludos, eram confundidos com usuários, devido à percepção de um grande parte da sociedade de que quem tinha aqueles modos era um usuário em potencial.

Segundo Odorico Carvalho¹²³, por terem sido vanguardas na cidade de Picos em relação aos comportamentos, os integrantes da banda acabaram por se tornar uma espécie de espelho para a parte da sociedade que se sentia excluída, então, muitos destes acompanhavam sempre a banda, aplaudiam, queriam imitar, segundo o entrevistado, a partir do contato com o grupo muito deixavam os cabelos crescerem, passavam a ter uma crítica maior em torno do momento que viviam. Assim, suas novas formas de pensar e ver o mundo, refletindo na estética arrojada, inspiraram também alguns jovens cidadãos que passaram a ter comportamentos semelhantes.

¹²¹ Idem.

¹²² Idem.

¹²³ Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do trabalho foi analisar a moda, a estética e o vestuário na cidade de Picos na década de 1970. Apesar de ser uma cidade do interior piauiense, pacata, onde as notícias chegavam com lentidão, devido os precários meios de comunicação, todos estes aspectos não foram empecilho para os cidadãos vestirem-se de acordo com o que vigorava no momento, recorrente a afirmação de que a moda de Picos e de Paris andavam juntas. Sobretudo, as mulheres buscavam acompanhar o que estavam em gosto no momento, para isso as viagens foram essências na busca do novo, para quem não tinha as devidas condições de sair mundo afora, a mimética foi o meio utilizado para se acompanhar a moda.

Passeando nas memórias sobre Picos na década de 1970, foi possível identificar o quanto os cidadãos se preocupavam com a questão da estética. A cidade, por diversas vezes, se agitou com as disputas de beleza, como vimos nos vários concursos que foram organizados, aspecto que foi importante para compreensão do que era considerado belo naquele momento. A partir da análise das fotografias chegamos às considerações de que os picoenses, em especial as picoenses, andavam vestidos com os elementos característicos da época, que iam do clássico ao hippie, podendo ser identificado este vestuários nas festas, que era o momento mais propício para a exibição, sobretudo para as mulheres de posses, que apareciam com grande ostentação.

Levando em conta o momento histórico, na cidade houve certa efervescência cultural e esta acabou por refletir-se na estética. Alguns jovens, na tentativa de chamar atenção, diante uma sociedade tradicional e opressora, expressavam seu inconformismo e assim recorriam à irreverência, a extravagância no vestir-se. Comportamento também é moda e o objetivo desses jovens era sacudir a sociedade e mostrar que mudanças aconteciam mundo afora, e estas estavam chegando à cidade.

Percebemos, então, que este trabalho possibilitou um começo de uma produção em torno do recorte escolhido, e deixou uma contribuição para estudos posteriores vistos à escassez e a urgência de uma produção historiográfica no que tange à moda, vestuário e estética.

REFERÊNCIAS E FONTES

FONTES

BARROS, Valéria. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

FONSECA, Maria Carmem Gerbasi Reynaldo. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

FORMIGA, Graça. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

LUZ, Maria Helena. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

LUZ, Maria Iracema Araújo Luz. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

MELO, Maria do Socorro Araújo do Rego. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013

MOURA, Raimunda Fontes. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

ROCHA, Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

RODRIGUES, Delma. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

RUFINO, Olívia. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2012.

SÁ, Fátima. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS:

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

CHANTAIGNER, Gilda. *História da moda no Brasil*. São Paulo: estação das Letras e Cores, 2010.

DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2. ed. rev. ampl. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

ECO, Umberto. *Historia da beleza*. Tradução Eliana Aguiar. 2ed. rio de janeiro: Record, 2010.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História – a problemática dos lugares*. In: Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC/SP. São Paulo, n. 10, dez/1993.

PEREIRA, Carlos A.M. *O que é Contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

QUEIROZ, Teresinha de J.M. *Do singular ao Plural*. Recife: Bagaço, 2006.

ROSZAK, Theodore. *A Contracultura*. 2ª edição. Rio de Janeiro: vozes, 1972.

SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: Historia Oral*. Tradução Lolio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ARTIGOS E REVISTAS

ANDRADE, Ana Maria Mauad de S. *Através da imagem: fotografia e história interfaces*. Revista Tempo, Rio de Janeiro: UFF, v. 1, n. 2, 1996.

BERSA, Marina. CRUZ. Renata. *O mundo secreto dos concursos de beleza*. Super Interessante. 254, julho de 2008.

BONADIO, Maria Claudia. *A produção acadêmica sobre moda na pós- graduação stricto sensu no Brasil*. Iara- Revista de Moda, Cultura e Arte- São Paulo- V.3 n°3 dez. 2010- Dossiê.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. *O fogão da société anonyme du gaz. Sugestões para uma leitura histórica de imagem publicitária*. Projeto História. História e Imagem. Revista do Programa de Estudos de Pós-graduandos em História e do Departamento de História, PUC-SP, São Paulo, n.21, p.105-119, novembro 2000.

ORICCI, Daniel Chalhoub. *Mais que enxergam os olhos: uma breve introdução à estética na literatura*. Conhecimento pratico Literatura, São Paulo, edição n° 29, pag. 34- 38, 2010.

Revista FOCO ed. comemorativa (111 anos de história) - Folha de Picos, 2001.

Revista FOCO Ed. comemorativa (100 anos de história).

PÁGINAS DA INTERNET

G1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/04/segredos-e-truques-de-maquagem-são-uma-paixão-antiga-das-italianas.html. Acesso: 04 abril de 2012.

KOEHLER, Ana Luiza. *O ensino de História e a Fotografia como representação: através de fontes de arquivos locais*.

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/164-4.pdf>. Acesso em: 26 agosto 2012.

<http://www.abril.com.br/fotos/novela-anos-70-moda/>.

<http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/dec70.htm>. Acesso: 16 de janeiro 2013.

PEIXOTO, Ana Filipa. *O olhar da psicologia: ideal de beleza feminino*. Disponível em: <http://psicob.blogspot.com.br/2008/05/ideal-de-beleza-feminino.html>. Acesso em: 01 abril 2013

MONOGRAFIAS E TESES

BRITO, Nilvon Batista de Sousa. *Contracultura, oralidade e transgressão no interior do Piauí (1960/1970)*. Picos –Pi. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros –Picos.

LUZ, Aylla Mara. *Cine Spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Geografia dos desejos: Cidade, Lazer, Gênero e Sociabilidades em Picos na década de 1960*. 2011. 80 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011, p.31.

PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em tempos mundanos: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960)*. Teresina, 2008.

ROCHA, Pedro Cesário da. *A musicalidade Picoense (1968/1983): (En) cantos das gerações*. Picos –PI. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros –Picos.

SOUSA, Ályson Leal de. *Historia do Bairro Ipueiras na cidade de Picos (1820- 1970)*. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012.